

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO SOCIOLOGICO DAS ADIVINHAS PAULISTANAS (*).

1 — INTRODUÇÃO:

As adivinhas, segundo Amadeu Amaral, constituem "enigmas verbais, que representam o objeto por meio de analogias, mas cujo mútuo concurso o delimita suficientemente" (1). Essa conceituação tem dois méritos: é sintética sem ser obscura. No entanto, incorre no defeito muito grave do dogmatismo. Tomando-se uma coleção qualquer de adivinhas, verifica-se logo que nem sempre "o mútuo concurso" das analogias "delimita suficientemente" o objeto subentendido. Na "lógica" das adivinhas as coisas não se passam com o mesmo rigor e determinação que na lógica formal. Sabe-se, por exemplo, que ainda quando os enigmas são propostos em termos das mesmas analogias (o que nem sempre acontece), e os significados destas são bem conhecidos, o concurso delas pode delimitar vários objetos diferentes. Parece que dificuldades deste tipo levaram os folcloristas a se contentarem com a simples caracterização das adivinhas. É o que faz Pitré, entre outros, e com um sucesso tal que Cocchiara afirma que sua caracterização das adivinhas foi aceita "por todos os folcloristas" (2): "a adivinha é um jogo de palavras, no qual vem compreendida ou suposta qualquer coisa que não se diz, ou uma descrição engenhosa e aguda da coisa semelhante, de qualidades e caracteres gerais que se pode atribuir a outra coisa tendo ou não aquela semelhança ou analogia. Essa descrição é sempre vaga, tão vaga que a pessoa a quem é proposta a questão dirige os pensamentos para este ou para aquele significado, incerta quanto à solução a ser encontrada. Pois frequentemente se esconde sob o veu de uma alegoria muito distante, e sob imagens preciosas e agradáveis" (3).

Poder-se-ia comparar as adivinhas, mantendo os paralelismos dentro de limites razoáveis, com o raciocínio matemático: através

(*) — Trabalho apresentado à cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, escolhida como uma das disciplinas subsidiárias no exame para doutoramento.

(1). — Amadeu Amaral, *Tradições Populares*, pág. 278.

(2). — Giuseppe Cocchiara, *Folklore*, pág. 71.

(3). — Giuseppe Pitré, *Indovinelli, dubbi, scioglilingua, del popolo siciliano*, pág. XVIII; apud G. Cocchiara, *op. cit.*, págs. 70-71.

de elementos dados, procura-se determinar um elemento suposto. Contudo, os elementos dados são conhecidos por meio de símbolos que não lembram em nada a precisão racional inerente às formas simbólicas do raciocínio matemático, e sua conexão com o elemento suposto não possui um caráter de necessidade, mas repousa em fundamentos fornecidos pelo pensamento por analogia. Não existe nas adivinhas nenhuma evidência capaz de impor-se por si mesma, excluindo outras significações prováveis, a partir dos elementos dados e segundo uma marcha determinada do espírito. Ao contrário, esta segue, via de regra, um curso arbitrário, recorrendo mais à imaginação que ao método, e as próprias analogias exprimem com freqüência, através de símbolos idênticos, coisas ou objetos distintos. Explica-se assim porque os folcloristas se descuidaram dos processos psíquicos envolvidos nessas manifestações da cultura, enquanto acumulavam enormes coleções de adivinhas. É que era fácil registrar e classificar as formas objetivas dos "enigmas verbais", perpetuadas nas tradições dos povos, porém muito difícil e complicado explicar a sua "lógica", os "princípios" que regem a sua formulação e solução.

Em uma pesquisa que realizei em 1941, para a I Cadeira de Sociologia de nossa Faculdade, procurei recolher a maior documentação possível sobre esse setor do folclore paulistano. Ao todo, consegui registrar 60 composições, sendo 56 "adivinhas" e 4 "problemas", segundo as distinções estabelecidas pelos próprios informantes. Ordenei-as por ordem alfabética e dei comêço ao trabalho de análise folclórica, que precisei interromper posteriormente. Por isso, o presente artigo abrange a coletânea de "problemas" e "adivinhas", juntamente com parte do material comparativo de que disponho. Como operei em diversos bairros, indico entre parêntesis os bairros em que foram registradas as composições. Isso não quer dizer, no entanto, que elas se circunscrevem aos bairros indicados; a maioria corre não só por S. Paulo, mas por outras regiões do Brasil, por Portugal, Espanha e outros países europeus e sulamericanos. Doutro lado, a presente coleção não abrange somente as composições colhidas na época da pesquisa. Acrescentei-lhe 5 "adivinhas", 3 "problemas" e 4 "perguntas", recolhidas no ano seguinte. Portanto, esta pequena coletânea compreende 72 composições: 61 "adivinhas", 7 "problemas" e 4 "perguntas".

2 — MATERIAL RECOLHIDO:

- 1 — o que é, que é, (Bela Vista)
tem corôas e escamas
não é peixe?
— o abacaxi.
- 2 — o que é, que é, (Bom Retiro)
cai em pé e corre deitada?
— a água da chuva.

- 3 — o que é, o que é, (Lapa)
nasce e corre e nunca pára?
— a água do rio.
- 4 — o que é, o que é, (Bela Vista e Lapa)
vai e vem com as tripas de fora?
— a agulha.
- 5 — o que é, o que é, (Bela Vista)
— quando anda arrasta as tripas?
— a agulha.
- 6 — qual a cabeça que não tem pena? (Bela Vista)
— o alfinete.
- 7 — tem cabeça e não é gente, (Bela Vista)
tem dentes mas não tem boca,
que é?
— o alho.
- 8 — qual é a ave, (Pari)
que não tem pena?
— a Ave-Maria.
- 9 — o que é, o que é, (Pari)
desce gritando e sobe chorando?
— balde cheio de água.
- 10 — o que é, o que é, (Bom Retiro)
que se põe em cima da mesa
corta-se, e não se come?
— o baralho.
- 11 — o que é, o que é, (Lapa)
entra em casa,
e fica com a cabeça de fora?
— o botão.
- 12 — de que côr (Bela Vista, Pari, Lapa e Belem)
era o cavalo branco de Napoleão?
— branco.
- 13 — o que é, o que é, (Pari)
tem bico e tem asas,
mas não vóa?
— bule.
- 14 — quanto mais se tira, (Pari)
maior fica,
que é?
— um buraco.
- 15 — cru não existe (Bela Vista)
cozido não se come,
que é?
— a cal.
- 16 — o que é, o que é, (Lapa e Bom Retiro)
caminha, caminha e não se cansa?
— o caminho.
- 17 — o que é, o que é, (Pari e Bom Retiro)
que caminha, caminha,
e nunca chega ao fim?
— o caminho.

- 18 — o que é, o que é, (Bela Vista)
come-se de qualquer jeito, mas se corta chorando?
— a cebola.
- 19 — o que é, o que é, (Lapa e Bela Vista)
onde o médico esconde os seus erros?
— no cemitério.
- 20 — o que é, o que é, (Bela Vista)
é de comer e não é para comer?
— a colher.
- 21 — o que é, o que é, (Bom Retiro)
nasce fechado e cresce fechado,
mas tem água dentro?
— o côco.
- 22 — o que é, o que é, (Bom Retiro)
são cinco operários
e só um usa chapéu?
— os dedos e o dedal.
- 23 — qual é a coisa que, (Bela Vista)
quanto maior menos se vê?
— a escuridão.
- 24 — que é uma coisa, (Lapa)
que tudo devora,
mas a água mata?
— o fogo.
- 25 — o que é, o que é, (Bela Vista)
tem corôa e não é rei,
tem esporas e não é cavalo?
— o galo.
- 26 — o que é, o que é, (Bom Retiro)
saiu da terra feio,
à terra voltou colorido?
— o ladrilho.
- 27 — o que é, o que é, (Lapa)
era pisado e feio,
depois bonito e pisado?
— o ladrilho.
- 28 — o que é, o que é, (Belem)
uma casinha amarela,
sem porta nem janela?
— a laranja.
- 29 — o que é, o que é, (Lapa e Bela Vista)
que está no meio do rio?
— a letra i.
- 30 — o que é, que é, (Pari)
que está acima do pão.
— o til.
- 31 — o que é, o que é, (Bela Vista)
Deus tem e o Diabo também?
e reaparece em Deus dará?
— a letra d.

- 32 — o que é, o que é, (Parí e Liberdade)
que está sempre fechada
e sempre molhada?
— a língua.
- 33 — o que é, o que é, (Lapa)
vermelha por fora
e branca por dentro?
— a maçã.
- 34 — o que é, o que é, (Bela Vista)
que entra duro
e sai mole?
— o macarrão, quando posto na água fervendo.
- 35 — meia meia, meia feita, (Bela Vista)
meia meia, por fazer,
quantas meias são?
— um quarto de meia.
- 36 — o que é, o que é, (Parí)
a mulher derrama água em cima do marido
para êle trabalhar?
— o monjolo: a bica derrama água no cocho.
- 37 — o que é, o que é, (Lapa)
é dono de um vestibulo,
mas nunca o vê?
— a orelha.
- 38 — o que é, o que é, (Bom Retiro e Bela Vista)
no ar é prata
e no chão é ouro?
— o ovo.
- 39 — o que é, o que é, (Bom Retiro)
é verde não é planta,
fala e não é gente?
— o papagaio.
- 40 — qual é o bicho que anda com as patas? (Bom Retiro)
— o pato.
- 41 — redondico, redondaco,
tem mais que mil buracos?
— a peneira.
- 42 — bate em mim, (Lapa)
bate em vós,
bate na saia
e bate no cós?
— a peneira.
- 43 — o que é, que é, (Parí)
antes de ser já o era?
— a pescada.
- 44 — Maninha vamos fazer (Parí)
aquilo que Deus consente,
juntar pêlo com pêlo
e deixar o pelado dentro.
O que é?
— fechar os olhos ou encostar as pestanas.

- 45 — a mãe é verde, (Belem)
a filha é encarnada,
a mãe é mansa
e a filha é danada?
— a pimenta.
- 46 — qual é o animal, (Bela Vista)
que anda com os pés na cabeça?
— o piolho.
- 47 — o que é que vai e vem, (Bela Vista)
e não troca de lugar?
— a porta.
- 48 — qual é a coisa (Bom Retiro)
que quanto mais cresce,
mais perto do chão fica?
— o rabo do burro.
- 49 — o que é, o que é, (Lapa)
sempre trabalha
e nunca cobra ordenado?
— o relógio.
- 50 — o que é, o que é, (Lapa)
sempre anda
e nunca se cansa?
— o relógio.
- 51 — alto está, (Bom Retiro)
alto mora,
todo o mundo o vê,
ninguém o adora?
— o relógio.
- 52 — o que é, o que é, (Pari)
corre, corre, e está sempre no mesmo lugar?
— o rio.
- 53 — o que é feito para andar, (Lapa e Bela Vista)
e não anda?
— a rua.
- 54 — na água nasci, (Belem)
na água me criei,
se nela me botarem,
nela morrerei.
O que é?
— o sal.
- 55 — o que é, o que é, (Bela Vista)
um homem vê todo dia,
um rei raramente,
e Deus, apesar de todo seu poder, nunca viu?
— seu semelhante.
- 56 — o que é, o que é, (Pari)
entra na água e não se molha?
— a sombra.
- 57 — o que é, o que é, (Bela Vista)
todas as mães têm,
sem pão não se pode fazer:
no inverno ele some

e aparece no verão?
— o til (cf. acima, número 30).

58 — o que é, o que é, (Lapa).
nasce branco,
seu natural é preto
e quanto mais saúde,
tem mais tristeza?
— o urubú.

59 — o que é, o que é, (Bom Retiro)
passa tôda hora pela gente,
mas ninguém vê?
— o vento.

60 — o que é, o que é, (Bela Vista)
fecham portas e fecham janelas
e êle entra por todos os lugares?
— o vento.

61 — o que é, que corre a casa todos os dias, (Bela Vista)
e depois volta a esconder-se num canto?
— a vassoura.

62 — por que o cachorro entrou na Igreja? (Pari)
— porque encontrou a porta aberta.

63 — o que é que tem em baixo da cama de casados? (Pari)
— dois pares de chinelos.

64 — e em baixo da cama de solteiro? (Pari)
— um par de chinelos.

65 — por que onça pintada não morde? (Pari)
— porque é pintada.

66 — O homem, o lobo, a cabra e o repolho (Bom Retiro) :

Um homem devia atravessar um rio numa canôa em que só poderia embarcar êle e uma das três coisas que levava: um lobo, uma cabra ou um repolho. Se êle levasse o lobo, a cabra comeria o repolho; se levasse o repolho, o lobo comeria a cabra. Que devia fazer?

Resposta: o homem levou a cabra e deixou o lobo com o repolho. Depois voltou para pegar o lobo. Colocado o lobo na outra margem, transportou de novo a cabra para a margem oposta, voltando com o repolho. Após isso, voltou para levar a cabra novamente e continuou o seu caminho.

67 — O homem, a galinha, o milho e a raposa (Bom Retiro) :

Um homem devia atravessar um rio, com uma galinha, uma porção de milho e uma raposa, tudo de sua propriedade. Todavia, a canôa só comportava duas coisas: o homem e um dos animais ou o homem e o milho. Se deixasse a galinha com a raposa, esta comeria a galinha, e se deixasse a galinha com o milho, êste seria comido por aquela.

Resposta: o homem levou a galinha, deixando o milho com a raposa. Depois voltou, e levou a raposa; deixou-a na outra margem do rio, e regressou com a galinha. Tomou o milho e o transportou para o outro lado. Voltou e transportou a galinha de novo. Estava resolvida a questão.

68 — O homem que quis se suicidar (Bom Retiro) :

Um homem queria suicidar-se. Porém, tinha medo de falhar. Por isso, resolveu combinar diversos recursos. Assim, comprou uma forte dose de es-

triquinina, uma faca, um revólver, uma corda e foi à procura de uma árvore na margem do rio Pinheiros. Achou uma. Fêz um laço, bebeu o veneno, jogou-se de cima da árvore, disparou o revólver e desferiu um golpe com a faca. Entretanto, êle não morreu. Por que?

Resposta : O homem bebeu o veneno, jogou-se para ser asfixiado; porém, ao dar o tiro estragou tudo, pois a bala rompeu a corda. Ao fazer os movimentos para se esfaquear, a corda acabou de se romper, caindo êle dentro do rio. Como passavam uns barqueiros pelo lugar, êstes o recolheram para o bote. A água bebida o fêz vomitar e êle, apesar de todos os cuidados, continuou vivo...

69 — Os quatro portugueses (Bom Retiro) :

Quatro portugueses foram a um restaurante e lá gastaram vinte e oito mil réis. Na hora do pagamento um dêles tomou do lapis e fez a divisão da despesa entre os quatro. Estupefação geral; cada um devia dar ao garçon a quantia de vinte e cinco mil réis. Os companheiros não concordaram e resolveram verificar a conta que, segundo o cálculo que fizeram, estava realmente certa. Como foi isso?

Resposta :

$$\begin{array}{r} 28 \quad | \quad 4 \\ 20 \quad 25 \\ 0 \quad 25 \\ \quad 25 \\ \quad 25 \\ \hline \quad 28 \end{array}$$

Nota — Divide-se o oito por quatro, sendo o resultado indicado em baixo do oito; abaixa-se o dois: vinte dividido por quatro dá cinco. Quanto à verificação: somam-se todos os cinco, obtendo-se vinte: vinte mais dois quatro vezes dá como resultado vinte e oito... Como se vê, as adivinhas reproduzem, no folclore paulistano, as representações do português correntes no anedotário brasileiro.

70 — Pais e filhos (Parí) :

Dois pais e dois filhos tinham três maçãs e comeram uma cada um. Como fizeram para dividir as três maçãs entre si?

Resposta : eram três pessoas — avô, pai e filho.

71 — O fósforo e a luz (Brás) :

Uma pessoa mora em um bairro onde não há luz elétrica. Tem um candieiro, mas está na cozinha; uma lâmpada a óleo, que está no quarto de dormir; um lampião, na sala de visitas; uma vela, logo na entrada; e fósforos. O que ela acende primeiro quando chega da rua, fora de horas?

Resposta : os fósforos.

72 — Como se chama um homem? (Brás) :

Um homem, chamado Joaquim Tobias de Oliveira, mora em um prédio de apartamentos na avenida S. João, no quinto andar. O prédio tem dez andares. No primeiro andar mora uma família brasileira, que tem um pensionista. No segundo andar, uma família de italianos, com três filhos. No terceiro, mora a família do dono do prédio. No quarto, uma família de alemães. O resto do prédio, fora o quinto andar, é ocupado por uma com-

panhia de seguros. As nove horas o prédio está fechado e chega um mensageiro com um telegrama para o sr. Joaquim Tobias de Oliveira. O mensageiro então resolve falar com o zelador do prédio. Mas, como se chama o zelador do prédio?

Resposta: tocando a campainha.

*
* * *

3 — CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO FOLCLÓRICO DAS COMPOSIÇÕES RECOLHIDAS:

É sabido que a análise folclórica esclarece muitas das questões levantadas pela origem, difusão e transformação sofridas pelas adivinhas. Infelizmente, a documentação acessível e o tempo disponível não me permitiram aprofundar as investigações. Por isso, com o intuito de ser útil aos folcloristas que empreenderem as mesmas pesquisas em melhores condições de trabalho, procurei reunir, sob a forma de notas, uma parte dos dados comparativos de que disponho sobre cada uma das adivinhas coligidas. Apesar das limitações, as notas mostram que várias das adivinhas já foram registradas anteriormente em S. Paulo (o que atesta, indiretamente, o grau de repetição das mesmas) ou em outras regiões do Brasil (o que demonstra que elas se integram, num sentido mais amplo, a uma realidade cultural que poderia ser designada como "folclore brasileiro"). Em segundo lugar, elas indicam a provável procedência da maioria das adivinhas recolhidas em S. Paulo: os mesmos temas ocorrem, sob formas paralelas, nos folclores ibérico, francês, italiano, etc.. Como as analogias de forma e de significação existentes entre as adivinhas brasileiras e portuguesas são muito estreitas, e como foram os portugueses que *colonizaram* o Brasil, parece que se impõe a conclusão de que as adivinhas em apreço são de origem lusitana (é óbvio, quando se toma em consideração apenas as *fontes imediatas*). Aliás, esta conclusão é confirmada pelos resultados das investigações de Alcides Bezerra, que se refere também às prováveis conexões desse setor do folclore brasileiro com os folclores nativos e africanos: "É insuperável a dificuldade de investigar a origem das adivinhas brasileiras. Delas há, e em grande número, de procedência portuguesa, delas há de criação indígena, isto é, do selvagem e do mestiço, e quem sabe se também não nas temos vindas da África na cativa onda negra" (4).

N

(4). — A. Bezerra, *Adivinhas*, pág. 461. Sobre tais cogitações, é conveniente lembrar as conclusões de Franz Boas: este etnólogo assevera que as adivinhas são "quase inteiramente inexistentes" entre os aborígenes da América e que mesmo no Novo México e no Arizona, regiões em que índios e espanhóis se mantiveram em contacto durante alguns séculos, as adivinhas não foram adotadas por aqueles (Cf. *General An-*

Adivinha 1:

Em sua coleção, Tavares de Lima consigna outra variante paulistana dessa adivinha:

Tem escamas
Não é peixe;
Tem corôa
E não é rei (5).

Adivinhas 2 e 3:

A adivinha 2 foi registrada em S. Paulo de modo ligeiramente diferente por outro folclorista:

Caio sempre em pé
E corro deitado (6).

Segundo Sebastião Almeida de Oliveira, seria corrente em Tanabi outra versão, mais sintética:

Passa de noite sem parar, cuja resposta é "a correnteza, o rio" (7).

O tema dessa variante aparece mais completo na fórmula da coleção de Daniel Gouveia:

O que é, o que é
Corre dia e noite
E nunca tem descanso? (8).

Todavia, a adivinha 2 é conhecida em outras regiões do Brasil, sendo expressa da seguinte forma no Rio Grande do Norte:

O que é, o que é?
Que cai em pé
E corre deitado? (9).

O mesmo autor colheu a seguinte variante, relativa ao tema da nossa adivinha 3:

Não tem pé e corre,
Tem leito e não dorme,
Quando pára, morre (10).

thropology, págs. 598-599). Outros especialistas asseveram, no entanto, que as adivinhas constituem, com relação a algumas tribos norte-americanas, uma técnica pré-colombiana (cf. por exemplo: Archer Taylor, **American Indian Riddles**, in *Journal of American Folklore*, vol. 57, págs. 1-15. Com referência ao folclore de aborígenes sul-americanos, Alfred Métraux indica que a técnica das adivinhas não lhes era familiar, com exceção dos Minuano (cf. artigo *Riddles*, in *Dictionary of Folklore, Mythology and Legend*, vol. II, pág. 944).

(5). — Rossini Tavares de Lima, *Poesias e Adivinhas*, ad. 151.

(6). — R. T. Lima, ad. 171.

(7). — Sebastião Almeida de Oliveira, *Cem Adivinhas Populares*, ad. 80, pág. 74.

(8). — Daniel Gouveia, *Folclore Brasileiro*, pág. 119.

(9). — Veríssimo de Melo, *Adivinhas*, ad. 4, pág. 16.

(10). — V. de Mello, *op. cit.*, ad. 14, pág. 20.

Quanto às origens, lembro que Pires de Lima, em sua coleção de adivinhas portuguesas, consigna uma fórmula que apresenta pontos de contacto com as variantes norte-riograndense e paulistana:

Sem voz, encanto quem me ouve; tenho leito e não durmo? como o tempo, corro sempre... , cuja decifração é "a água dum ribeiro" (11).

Daniel Gouveia, por sua vez, sugere que o tema e a forma dessa adivinha se estendem a outros folclores europeus, indicando a seguinte versão francesa:

Dis-moi de grace qui est la chose
Qui nuit et jour ne se repose?

Parece que a fórmula da adivinha 2 está sendo aplicada também a outros temas, no Brasil: pelo menos, um exemplo do folclore alagoano demonstra seu emprêgo extensivo ao enigma "canao":

Nasce em pé,
Corre deitada (12).

No capítulo das hipóteses, é preciso considerar uma sugestão de Arthur Ramos, preocupado com a possível influência dos folclores africanos nesse setor do folclore brasileiro. Embora na época já pudesse contar com algumas coleções de adivinhas, que lhe servissem como ponto de referência para a exegese das origens e dos contactos das adivinhas brasileiras, aquêle antropólogo se limitou a reunir alguns exemplos de *jinongonongo* africanos (13); entre outros, transcreve o seguinte, extraído de obra de Dias de Carvalho:

"Pergunta: — **Chiá uassuta ni uacádi cussúla?** (Que é que está passando de noite sem parar?).

Resposta: — **Mema ma nito** (A água do rio)."

Suponho que êste exemplo não dá nenhuma base para que se conclua algo a respeito da origem africana de nossa adivinha correspondente. Do ponto de vista folclórico, ilustraria antes a convergência temática e formal que, muitas vêzes, aproxima certos ele-

(11). — A. C. Pires de Lima, *O Livro das Adivinhas*, ad. 265, pág. 102.

(12). — Théo. Brandão, *Folclore de Alagoas*, ad. 9, pág. 42.

(13). — Cf. Arthur Ramos, *O Folk-lore Negro do Brasil*, págs. 240-243. As aludidas limitações não impediram, no entanto, que Arthur Ramos afirmasse: "Já o estudo da paremiologia nos autoriza, porém, a concluir o mesmo para as adivinhas. A influência africana se entremostra, mesmo a uma análise superficial. As fórmulas usadas, o ritual que acompanha as questões, a ingenuidade de umas adivinhas ao lado do sentido satírico de outras, tudo isso está a indicar o dedo africano". Evidentemente, semelhantes hipóteses só teriam base se fôsse fundamentadas por análises comparativas completas, susceptíveis de comprovar empiricamente as conexões pressupostas.

mentos de folclores distintos. Cotejadas às duas versões do folclore europeu, as variantes de nossa adivinha em questão revelam claramente as marcas das “matrizes” de que procedem.

Adivinhas 4 e 5:

Em S. Paulo, o mesmo enigma é apresentado sob a seguinte forma:

Vai de buraco em buraco,
Arrastando sempre as tripas, cuja resposta é “agulha e linha” (14).

Segundo Cardoso Martha e Augusto Pinto, a versão portuguesa da nossa adivinha é muito popular em Portugal (15). Gostaria de juntar aqui duas variantes lusitanas, uma delas em galego:

O que é que anda de buraco em buraco, com as tripinhas a rasto? (16).

Qui-é unha cousiña cousa?
anda de buraco em buraco
cuas tripas arrastro? A significação desta última é “a agulha cando se cose” (17).

Adivinha 6:

Existe outra versão mais completa em S. Paulo, usada para referir o “alfinete e agulha” (18):

Tem cabeça
Não tem olho,
Tem olho
Não tem cabeça.

Adivinha 7:

Em S. Paulo também foi recolhida sob formas um pouco diferentes:

Tem cabeça e dente
Mas não é gente.

Tenho dente
E não sou boca,
Tenho barba
E não sou velho (19).

(14). — R. T. Lima, *op. cit.*, ad. 122.

(15). — C. Märtha e A. Pinto, *Folclore do Conselho da Foz*, pág. 235.

(16). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 125, pág. 56.

(17). — Laureano Prieto, *As Adivinhas na Terra da Gudiña (Ourense) e no Concelho de Vinhais (Trás os Montes)*, ad. 11, pág. 34.

(18). — R. T. Lima, *op. cit.*, ad. 123.

(19). — R. T. Lima, ads. 104 e 73, respectivamente.

No folclore tanabiense foi registrada como segue:

Tem barba e não é homem,
Tem dentes e não é gente (20).

Em S. Paulo ainda é corrente outra versão:

Tem barbas e não tem queixo
Este bicho montanhês,
Tem dentes e não tem boca
Tem cabeça e não tem pés (21).

Alcides Bezerra consigna uma variante paraibana desta versão:

Tem balba e não tem rosto,
Tem dente sem ser de osso,
Tem um palmo de pescoço (22).

Entretanto, Veríssimo de Melo recolheu no Rio Grande do Norte uma composição idêntica à paulistana (23).

As nossas adivinhas são de origem ibérica, como se pode inferir através da comparação com as fórmulas portuguesa e espanhola. Teófilo Braga consigna a seguinte composição:

Tem dentes e não come
Tem barbas e não é homem (24).

A ela corresponde na Espanha, segundo Marín:

Tiene diente y no come,
Tiene barbas y no es hombre (25).

Desta adivinha, Moya recolheu uma variante da tradição buenairense:

Tiene diente y no come,
Tiene barba, mas no es hombre,
y aunque tiene cabeza
no ve, no habla, ni piensa (26).

Pires de Lima englobou à sua coleção uma adivinha idêntica à recolhida por Teófilo Braga (cf. adivinha 239), e fornece outra

(20). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 74, pág. 73.

(21). — R. T. Lima, ad. 42.

(22). — A. Bezerra, *op. cit.*, págs. 465 e 470.

(23). — V. de Melo, *op. cit.*, pág. 35.

(24). — Teófilo Braga, *Cancioneiro e Romancero Popular Português*, pág. 363. Pires de Lima assinala que "o povo pronuncia home, rimando assim a palavra com come" (cf. *O Livro das Adivinhas*, pág. 92, nota 2).

(25). — Francisco Rodrigues Marín, *Cantos Populares Españoles*, vol. I, pág. 232.

(26). — I. Moya, *op. cit.*, pág. 55.

versão portuguesa, mais próxima da variante paulistana que consta desta coleção (27):

Tem barba e não a corta; tem dentes e não come; tem rabo e não o arrasta.

Adivinha 8:

No folclore tanabiense a mesma questão é proposta da seguinte maneira:

Uma ave que não tem penas
— A Ave-Maria (28).

Essa adivinha também é popular no Rio Grande do Norte, onde aparece levemente complicada:

Adivinha, adivinha, meu bem:
Qual es el ave que no tiene pena.

Em Portugal, corre uma versão mais completa (30):

Não é ave nem mulher,
E de ambas tem o nome;
Voa sem ninguém a ver,
Tem por Deus grande poder,
E nos brados se conhece;
Quando esta ave vem,
As outras desaparece.

Todavia, no folclore ibérico, ocorre sob forma mais sintética, semelhante à corrente em S. Paulo. Nas coleções de Rodrigues Marín e de Lehmann Nitsche, por exemplo, pode-se constatar os fundamentos desta afirmação (31):

Adivinha por fortuna
Qual es el ave que no tiene pena.

Adivinha 9:

Evidentemente, a fórmula se associa ao emprêgo da técnica implícita de provimento de água. Em Portugal, por exemplo, existe uma adivinha diferente, mas construída com o mesmo espírito, para significar "cântaro" (32):

(27). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 240, pág. 92.

(28). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 34, pág. 67.

(29). — V. de Melo, ad. 25, pág. 26.

(30). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 2, pág. 13. O folclorista citado informa: "desaparecem (o solecismo é vulgar no povo)".

(31). — F. R. Marín, *op. cit.*, pág. 300; Lehmann Nitsche, *Adivinanzas Rio-platenses*, pág. 284.

(32). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 94, pág. 46.

Que é, que é, que vai para lá deitado e vem para cá em pé?
Não resta dúvida, porém, a procedência ibérica da nossa adivinha;
pode-se estabelecer essa procedência através das composições consi-
gnadas por Lehmann Nitsche (colhidas em Santa Fé e Buenos
Aires) e por Ismael Moya (recolhida em Buenos Aires):

Va gritando
Y viene llorando.
 Cuando baja, va cantando
 Cuando sube, va llorando (33).
Baja corriendo
sube lloviendo (34).

Adivinha 10:

Já ouvi também: O que é, o que é, que se põe em cima da
mesa, se corta, mas não se come? No Rio Grande do Norte ocorre
uma variante, parecida com as nossas composições:

O que é, o que é?
Que parte e se reparte
Mas não se come? (35).

Esta adivinha é de origem européia. Em Portugal, ela apa-
rece sob forma mais completa: O que é, o que é, que se põe na
mesa, é cortado, e nunca se come? (36). Daniel Gouveia, que re-
colheu uma das variantes brasileiras dessa adivinha, consigna tam-
bém uma versão francesa (37):

Qu'est-ce qu'on met sur une table,
Qu'on coupe et que ne se mange pas?

Doutro lado, no folclore buenairense ainda se conserva a ver-
são espanhola da mesma adivinha (38):

En la mesa se pone,
se corta y se reparte,
y no se come.

Adivinha 11:

Essa adivinha também assume forma diversa em S. Paulo:

O que é, o que é:
Mal entra em casa,
Logo sai à janela? (39).

(33). — L. Nitsche, *op. cit.*, pág. 108.

(34). — I. Moya, *op. cit.*, pág. 70.

(35). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 103, pág. 51.

(36). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 63, pág. 37.

(37). — D. Gouveia, *op. cit.*, pág. 127.

(38). — I. Moya, *op. cit.*, pág. 75.

(39). — R. T. Lima, ad. 26.

Daniel Gouveia consigna, por sua vez: O que é, o que é, enche uma casa e não enche uma mão? (40). Parece que esta é a versão mais difundida no Brasil, pois vem incluída nas coleções de Alcides Bezerra, Theo. Brandão e Verissimo de Melo, embora nas duas últimas com algumas variações formais (41):

Cabe numa casa,
Não cabe numa mão.
Enche uma casa completa,
Mas não enche uma mão;
Amarrado pelas costas,
Entra e sai sem ter portão?

Teófilo Braga e Pires de Lima fornecem-nos variantes da adivinha portuguesa, de que se originaram as nossas (42):

Qual é a coisa,
Qual é ela,
Que apenas entra em casa
Logo se põe à janela?

Que é, que é, um morador que, apenas entra em casa, fica logo de fora?

Adivinha 12:

Essa adivinha também foi registada por Verissimo de Melo, no Rio Grande do Norte (43). Ela se conserva no Brasil, a julgar pelas duas amostras, tal e qual a versão lusitana (44).

Adivinha 13:

Uma variante paulistana mais completa consta de outra coleção (45):

O que é, o que é:
Tem bico e não tem cabeça,
Tem asa e não tem pena,
Tem boca e não tem dentes.

(40). — D. Gouveia, *op. cit.*, pág. 104.

(41). — A. Bezerra, *op. cit.*, pág. 476; quanto às adivinhas transcritas, conforme Theo. Brandão, *op. cit.*, ad. 23, pág. 44; V. de Melo, *op. cit.*, ad. 97, pág. 49.

(42). — T. Braga, *op. cit.*, pág. 364; A. C. Pires de Lima, ad. 71, pág. 40 e nota 2, em que consigna mais duas variantes, que não foram transcritas acima.

(43). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 155, pág. 64.

(44). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 321, pág. 117.

(45). — R. T. Lima, *op. cit.*, ad. 203.

Para designar “a chaleira”, é conhecida da seguinte forma em Tanabi (46):

Tem asa e não voa
Tem bico e não belisca.

Esta adivinha foi registrada em outras regiões do Brasil, modificando-se muito pouco quanto à forma. Na Paraíba e no Rio Grande do Norte significa, como em S. Paulo, “bule”; mas, em Alagoas, o enigma é “pote de barro”:

Tem asas mas não voa,
Bico mas não belisca,
E anda sem ter pé (47).

Que é que tem bico e não belisca?
Tem asa e não voa,
Tem boca e não come? (48)

Tem boca, não fala;
Tem asas, não voa;
Tem pé, não caminha (49).

As nossas adivinhas procedem do folclore lusitano, como se poderá inferir comparando-as com as seguintes composições (50):

Qual é a cousa, qual é ela,
Que tem pernas e não anda,
Tem boca e não come
Tem asas e não voa? (“o pote ou a panela”).

O que é, o que é,
Que tem asas e não voa,
E tem bocas e não fala? (“uma janela, um cesto”).

Adivinha 14:

Essa adivinha foi recolhida em várias regiões do Brasil, com a mesma forma ou apresentando variações formais insignificantes (51). Sua origem européia é indubitável; mas se incorporou ao nosso folclore através das versões portuguesas.

Em Portugal, segundo Cardoso Martha e Augusto Pinto, é mais vulgarizada sob outra forma:

O que é,
Quanto maior é,
Menos pesa?

(46). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 56, pág. 71.

(47). — A. Bezerra, *op. cit.*, pág. 472.

(48). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 98, pág. 49.

(49). — T. Brandão, *op. cit.*, ad. 12, pág. 42.

(50). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 88, pág. 45 e ad. 83, pág. 43, respectivamente.

(51). — Daniel Gouveia, *loc. cit.*; A. Bezerra, *op. cit.*, pág. 471; T. Brandão, *op. cit.*, ad. 12, pág. 42; V. de Mélo, *op. cit.*, ad. 5, pág. 16.

Como exemplo de paralelismo folclórico, apenas, poderia indicar ainda duas adivinhas do mesmo tipo, uma quíchua (57) e outra sudanesa (58):

Va Va
Y no vuelve.

Le cheval de mon père a couru, il est fatigué, il n'arrivera jamais.

Adivinha 18:

Daniel Gouveia recolheu outra variante, que já ouvi em S. Paulo:

Capa sôbre capa
Do mais fino pano
Só adivinharás
Se eu disser.

Aliás, em uma coleção recente de adivinhas paulistas consta uma composição completamente diversa da que coligi:

Chapéu sôbre chapéu,
Chapéu fino de bom pano,
Não adivinhas êste ano
Senão, quando eu te disser (59).

Tal como está grafada, corresponde integralmente à adivinha paraibana com o mesmo significado, da coleção Alcides Bezerra (60).

A variante brasileira que está mais próxima das composições lusitanas é a que se encontra na coleção Verissimo de Melo (61):

Capinha sôbre capinha,
Capinha do mesmo pano;
Se eu não te disser agora.
Não acertas nem para o ano.

As adivinhas portuguesas que conheço são mais parecidas com as variantes de outros estados brasileiros. Assim, comparando-as com as fórmulas consignadas por Pires de Lima (62) e Laureano Prieto (63), verificamos que somente uma delas (a primeira na ordem de apresentação aqui), contém alguns pontos de contacto com a adivinha de nossa coleção:

(57). — L. Nitsche, *op. cit.*, pág. 102.

(58). — D. Lifchitz e D. Paulme, *Devinettes et Proverbes Dogon*.

(59). — R. R. Lima, *op. cit.*, ad. 68.

(60). — A. Bezerra, *op. cit.*, pág. 474.

(61). — V. de Mélo, *op. cit.*, ad. 64, pág. 38.

(62). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ads. 233 e 236, págs. 91 e 92.

(63). — L. Prieto, *op. cit.*, ad. 22, pág. 36 (as duas últimas adivinhas, no texto acima, são registradas em galego por este folclorista).

Eu no campo me criei,
Metida entre verdes laços;
O que mais chora por mim
É que me faz em pedaços.

Capinha sôbre capinha
Capinha do mesmo pano;
Se tu não disseres agora,
Não adivinhas nem num ano.

Capinha sobre capinha
Capinha do mesmo pano;
se non digo o qui-é
non acertas n-un ano.

Capote sôbre capote
Capote do mesmo pano;
non atinas este ano
nin pra o ano que vier
se eu non cho dixer.

No folclore latino-americano ainda se conserva a forma europeia também nos países de língua castelhana; em Buenos Aires, por exemplo, Moya recolheu as duas seguintes variantes (64):

Pañito sôbre pañito,
sôbre pañito, otro paño,
niña, si no te lo digo,
no aciertas en todo el año.

En el campo fui criada,
vestida de verdes lazos,
aquele que llora por mí
me está cortando en pedazos.

No entanto, no folclore rioplatense existem adivinhas que não se conformam a esse padrão: Lehmann Nitsche encontrou em Jujuí duas versões, que incorporou à sua coleção, nas quais isso se evidencia (65):

Parar en la horca es mi suerte,
Nasco debajo del suelo,
Mi fabrica imita al cielo,
Lágrima causo al mas fuerte
Sin causarlo desconsuelo.

Fui a una chacra
Compré una doncella,
Volvi a mi casa
Y lloré con ella.

(64). — I. Moya. *op. cit.*, pág. 49.

(65). — L. Nitsche, *op. cit.*, págs. 78 e 38.

Adivinha 21:

Em S. Paulo já foi registrada outra variante:

Branco por dentro
Vermelho por fora,
Casinha trancada,
Onde a água mora (66).

Essa composição, tal como está grafada, lembra-nos a incorporada por Alcides Bezerra à sua coleção de adivinhas da Paraíba (cf. pág. 475).

A variante que recolhi é conhecida em outras regiões do Brasil; Daniel Gouveia, por exemplo, fornece-nos uma fórmula mais completa:

Sem entrar água,
Sem entrar vento,
Tem um poço
De água dentro (67).

Arthur Ramos, aproveitando uma descrição de Ladislau Batalha, transcreve em seu estudo do folclore negro brasileiro um *jinongonongo* angolense, cuja decifração é côco:

"Pergunta: — *Riganga ría banga Tumba Ndala; riene riri tekél'ê*
(A lagôa que Tumba Ndala fêz, enche-se por si mesma.)

Resposta: — *Rikôky* (O côco)" (68).

Essa adivinha angolense deu margem a algumas especulações. Antes de Arthur Ramos publicar seu trabalho, já Alcides Bezerra (69) e Joaquim Ribeiro (70) se haviam referido às possíveis ligações desse *jinongonongo* com a nossa adivinha. Tomando como ponto de referência a variante recolhida por Daniel Gouveia, Joaquim Ribeiro concluiu que, provavelmente, a adivinha brasileira tinha sua origem na angolense; e asseverava: "é claro que em nossa versão brasileira desapareceu a figura mitológica *Tumba Ndala*, tão comum nos contos populares do quimbundo. A aproximação, porém, não está distanciada, e pode servir de base à conjectura da origem africana de nosso enigma popular" (71). Segundo me parece, a interpretação não resolve satisfatoriamente as questões que se levantariam a uma análise comparativa das formas das duas

(66). — R. T. Lima, *op. cit.*, ad. 150.

(67). — Daniel Gouveia, *op. cit.*, pág. 106.

(68). — Arthur Ramos, *op. cit.*, pág. 241; segundo Ladislau Batalha, *Tumba Ndala* é uma "personagem fabulosa da mitologia indígena" (Apud loc. cit., nota 7).

(69). — A. Bezerra, *op. cit.*, págs. 460 e 475.

(70). — J. Ribeiro, em trabalho publicado em 6-III-1934 no *Jornal do Comércio*, reproduzido em João Ribeiro, *O Elemento Negro*, págs. 174-185.

(71). — J. Ribeiro, *op. cit.*, pág. 182.

adivinhas, a brasileira e a angolense. Seu principal inconveniente consiste, no entanto, na elaboração defeituosa de um fenômeno de paralelismo folclórico; para dar fundamento à hipótese seria necessário obter dados especiais, principalmente sobre a ocorrência da adivinha entre os "afrobrasileiros" e a existência de fórmulas intermediárias, que atestassem formalmente as transições operadas.

Adivinha 22:

A mesma adivinha foi registrada em S. Paulo:

Cinco operários
Só um tem chapéu (72).

Todavia, em Tanabí em vez de "operários" ocorre "irmãos", em coerência com a versão portuguesa:

Somos ao todo cinco irmãos, mas um só é que usa chapéu (73).

A nossa adivinha simplificou-se muito, com relação às composições portuguesas:

Nós somos muitos irmãos,
Espalhados pelo mundo;
Mais ou menos parecidos,
Mas nem todos temos fundo;
Procuram-nos as mulheres,
Homens também nos procuram,
Mas são todos tam ingratos,
Que nos largas mal nos furam;
Apesar de nós não sermos
Chapéus, coifas de enfeitar,
Todos nos põem na cabeça,
Pois lá é o nosso lugar ("os dedais na cabeça do dedo") (74).

Lopes Cardoso consigna uma variante portuguesa mais simples, na qual porém não se evidencia a transformação operada na variante paulistana, que levou a designar-se os dedos como "operários", subentendendo-se que são eles (e não os dedais) os "irmãos":

Não é chapéu, nem carapuça,
Nem coisa de enfeitar;
Todos o põem na cabeça,
Por lá ser o seu lugar (75).

(72). — R. T. Lima, *op. cit.*, ad. 219.

(73). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 62, pág. 71; no Rio Grande do Norte existe uma versão diferente (cf. V. de Melo, *op. cit.*, ad. 112, pág. 53). Veja-se também Théo. Brandão, *op. cit.*, ad. 32, pág. 77.

(74). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 131, págs. 57-58; cf. variante portuguesa em nota de rodapé.

(75). — Carlos Lopes Cardoso, *Adivinhas (Colhidas em Cete-Paredes)*, ad. 6, pág. 31.

Adivinha 23:

Essa fórmula consta de outra coleção de adivinhas paulistas, ao lado da seguinte variante:

Quanto mais preta é,
menos se enxerga (76).

Em Alagoas é idêntica à nossa (*quanto maior menos se vê*) (77); mas no Rio Grande do Norte se apresenta de forma diferente, semelhante a uma das variantes portuguesas transcritas abaixo:

O que é, o que é?
Quanto mais crece,
Menos se vê? (78).

A adivinha também é popular em Portugal (79). Teófilo Braga recolheu uma versão que demonstra claramente a procedência da nossa composição:

Que é que é,
Quanto maior
Menos se vê? (80).

Na coletânea Pires de Lima vem consignada uma variante portuguesa, a que corresponde a fórmula norterio-grandense:

Qual é a coisa, qual é ela,
Que, quanto mais cresce,
Menos se vê? (81).

Adivinha 24:

Como exemplo de paralelismo folclórico — no Sudão francês foi recolhida uma adivinha do mesmo tipo: “une chose qui mange tout; si on lui donne de l'eau, elle meurt” (82).

Adivinha 25:

Entre as variantes portuguesas selecionadas por Pires de Lima vem uma de que se origina, provavelmente, a nossa:

(76). — R. T. Lima, *op. cit.*, ad. 102.

(77). — Théo. Brandão, *op. cit.*, ad. 13, pág. 43.

(78). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 2, pág. 15.

(79). — C. Martha e A. Pinto, *op. cit.*, pág. 240.

(80). — Teófilo Braga, *op. cit.*, pág. 365.

(81). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 12, pág. 17.

(82). — D. Lifchitz e D. Paulme, *op. cit.*, pág. 29.

O que é, que é,
Que tem corôa e não é rei,
Esporas, e não é cavaleiro,
Trabalha no campo
E não ganha dinheiro? (83).

A fórmula portuguêsa mostra que a nossa adivinha não só se simplificou e empobreceu, perdendo os dois últimos versos, como ainda se deveria dizer "cavaleiro" (e não "cavalo"), para formar sentido.

Adivinhas 26 e 27:

Lehmann Nitsche e Ismael Moya consignam a variante argentina:

De la tierra saliô
Y a la tierre volviô,
Al salir saliô negro
Y al volver volviô colorado (84).

De la tierra sali,
y a la tierra volví,
cuando salí, salí negro,
cuando volví, colorado (85).

É provável, pois, que as nossas adivinhas e as argentinas encontrem uma fonte comum no folclore ibérico.

Adivinha 28:

A nossa adivinha em nada difere da versão portuguêsa:

Casinha amarela
Sem porta nem janela (86).

Adivinha 30:

S. A. Oliveira recolheu uma variante dessa adivinha em Tanabí:

Está no meio da rua e em cima do chão (87).

(83). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 157 e variantes a e b; acima foi transcrita esta última.

(84). — L. Nitsche, *op. cit.*, pág. 29.

(85). — I. Moya, *op. cit.*, pág. 88.

(86). — Teófilo Braga, *op. cit.*, pág. 366; A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 229, pág. 89.

(87). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 4, pág. 62. O autor observa: "talvez, por analogia, o vulgo dá ao vocábulo (rua) som nasal e aí supõe existir um til".

Adivinha 31:

Pires de Lima consigna as seguintes variantes portuguesas (88):

Sem mim não havia Deus,
Papa sim, cardeal não;
A Virgem pode ser Virgem,
Mas a donzela, essa não.

Nasci semelhante ao mundo,
Sem ter princípio nem fim;
Sem mim não pode haver Deus,
Mas rei e príncipes, sim.

Adivinha 32:

Em Alagoas e no Rio Grande do Norte o mesmo enigma é proposto através de outras fórmulas:

Uma pedrinha quadrada.
Quer chova, quer faça sol
Toda a vida é molhada (89).

Em tábuas estabuladas
Tem uma moça encantada;
Que o que faça sol,
Ela vive esempre molhada (90).

As versões portuguesas que conheço se aproximam mais destas variantes brasileiras e, embora se patenteiem alguns pontos de contacto, são bem diferentes da fórmula recolhida em S. Paulo:

Entre trinta e duas pedras brancas
Está uma moira encantada,
Quer chova, quer faça sol,
Sempre está a moira molhada (91).

Dentro de uma lapinha
'stá uma cachopinha;
Chove, não chove,
'stá sempre molhadinha (92).

Uma senhorinha
Muito assenhoreada;
Nunca sai de casa,
Sempre está molhada (93).

(88). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ads. 275-276, pág. 105.

(89). — A. Bezerra, *op. cit.*, pág. 471.

(90). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 84, pág. 44.

(91). — Teófilo Braga, *op. cit.*, pág. 367.

(92). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 55, pág. 34.

(93). — *Idem*, ad. 56, pág. 34.

Ao analisar uma das variantes brasileiras da adivinha em questão, Daniel Gouveia transcreveu a versão francesa correspondente:

Qu'est-ce qui est toujours mouillé
Quoiqu'abrité? (94)

No folclore rioplatense esta adivinha ainda se conserva, como em algumas regiões do Brasil, dentro do modelo da tradição ibérica:

Una señorita,
Muy aseñorada,
que siempre anda en coche
y siempre está mojada.

Una señorita,
muy aseñorada,
nunca sale de casa
y está siempre mojada (95).

Adivinha 34:

Em uma variante paulistana, mais maliciosa, acentua-se: sai mole e pingando. É sob esta forma que a fórmula se aplica a outro enigma, no folclore tanabiense: Entra dura e queimando e sai mole e pingando ("a pimenta, antes e depois de curtida") (96).

Adivinha 35:

Esta adivinha é de origem portuguesa, como se poderá inferir comparando-a com a seguinte versão lusitana (97):

Meia meia meia feita (ou: Uma meia, meia feita)
Outra meia por fazer,
Diga lá minha menina
Quantas meias vêm a ser?

Adivinha 37:

Uma adivinha sudanesa, que pode ser citada aqui como exemplo de paralelismo folclórico, propõe o mesmo enigma:

Le propriétaire du vestibule
ne voit pas son vestibule (98).

(94). — D. Gouveia, *op. cit.*, pág. 124.

(95). — I. Moya, *op. cit.*, pág. 43.

(96). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 28, pág. 67.

(97). — C. Martha e A. Pinto, *op. cit.*, pág. 259; A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 295, pág. 110. Theo. Brandão fornece uma variante do norte do Brasil (cf. *op. cit.*, ad. 49, pág. 81).

(98). — D. Lifchitz e D. Paulme, *op. cit.*, pág. 132.

Adivinha 38:

Daniel Gouveia recolheu, além de uma idêntica à nossa, outra variante brasileira que é muito vulgarizada em S. Paulo:

O que é, o que é,
Capelinha branca
Sem porta, nem tranca? (99)

Uma terceira variante paulistana é ainda consignada em outra coleção:

Redondinho,
Redondaco,
Não tem fundo
Nem buraco (100).

Em Tanabi circula uma fórmula idêntica à que se incorpora à presente coleção:

Jogando para o ar é prata,
Caindo no chão é ouro (101).

Todavia, parece que nos folclores paraibano e northeriograndense é mais vulgar a segunda fórmula:

Uma igrejinha branca
Sem trave nem tranca (102).

Uma igrejinha branca,
Sem porta e sem tranca (103).

Essas adivinhas são de origem portuguesa. A variante registrada nesta coleção encontra um paralelo na seguinte versão portuguesa:

Qual é a cousa. Qual é ela,
Que é branca e, caindo ao chão,
Fica amarela? (104).

No folclore francês essa adivinha se apresenta assim:

Qu'est-ce qu'on jette blanc
et qui retourne jaune? (105)

(99). — D. Gouveia, *op. cit.*, pág. 118.

(100). — R. T. Lima, *op. cit.*, ad. 34.

(101). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 8, pág. 63.

(102). — A. Bezerra, *op. cit.*, pág. 469.

(103). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 44, pág. 30. Théo. Brandão consigna a seguinte composição: Sou redondo como a lua, / Mas em ponto pequenino; / Sou fêmea quando estou nua, / Vestido sou masculino. ("Com casca é ovo — masculino; sem casca é gema e clara — femininos"), *op. cit.*, ad. 1, pág. 40. É evidente, no entanto, a elaboração erudita dessa "adivinha".

(104). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 182, pág. 74.

(105). — Daniel Gouveia, *loc. cit.*

A segunda variante ocorre abundantemente nas coleções acessíveis:

Igreja branca .
Sem porta nem tranca (106).

Uma casinha branca
Sem porta nem tranca (107).

Que é, que é,
Uma capelinha branca,
Sem porta, nem tranca? (108).

Unha capeliña blanca,
sin porta nin tranca (109).

Quanto á terceira variante, Pires de Lima consigna várias adivinhas como esta, aplicadas ao mesmo enigma:

Redondinho, redondote,
Não tem fundo, nem batoque...

Adivinha 39:

No norte, o mesmo enigma é apresentado de forma diferente (110). A nossa fórmula é, provavelmente, de origem portuguesa:

Verde como mato,
E mato não é;
Fala como gente,
E gente não é (111).

Lehmann Nitsche apresenta-a em sua coletânea:

Verde como el campo,
Campo no és;
Habla como el hombre,
Hombre no és.

Adivinha 43:

Eis como é formulada a "matriz" portuguesa da nossa adivinha:

Qual é a coisa, qual é ela,
Que, antes de o ser, já o era? (112)

(106). — Teófilo Braga, *op. cit.*, pág. 367.

(107). — C. Martha e A. Pinto, *op. cit.*, pág. 242.

(108). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 187, pág. 76.

(109). — L. Prieto, *op. cit.*, ad. 40, pág. 38.

(110). — Cf. A. Bezerra, *op. cit.*, pág. 469; e V. de Melo, *op. cit.*, ads. 39 e 40, pág. 29.

(111). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 167, pág. 70.

(112). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 320, pág. 117.

Adivinha 44:

Em S. Paulo foi registrada uma variante:

Menina, minha menina,
Vai fazer o que Deus mandou,
Encostar pêlo com pêlo
Debaixo do cobertor (113).

No Rio Grande do Norte, porém, a adivinha sofreu pequenas modificações, tornando-se mais sintética:

O que é, o que é?
Pêlo com pêlo
E o pelado dentro? (114)

Adivinha 45:

Aplicando-se ao mesmo enigma ("a pimenteira e a pimenta"), circula com forma idêntica à paulistana em Tanabi (115).

Uma variante muito parecida já foi analisada por Daniel Gouveia:

Minha mãe é verde
Eu sou encarnada;
Minha mãe é mansa
Eu sou danada (116).

Com pequenas diferenças, foi colhida também na Paraíba e no Rio Grande do Norte (117).

Não sei se a adivinha é conhecida, nessa forma, fora do Brasil. Em Portugal corre uma versão diversa (118). Tomando como ponto de referência a composição recolhida por Daniel Gouveia, afirma enfaticamente Joaquim Ribeiro: "Ora, a origem dessa adivinha é negro-africana também. Entre os negros de Angola corre a seguinte:

Kamundele kabuta katema kiavuli
Brancozinho anão que é muito bravo

cuja solução é:

Ndungu
Pimenta

(113). — R. T. Lima, *op. cit.*, ad. 80.

(114). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 82, pág. 44.

(115). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 27, pág. 66.

(116). — Daniel Gouveia, *op. cit.*, pág. 106.

(117). — A. Bezerra, *op. cit.*, pág. 472; e V. de Melo, *op. cit.*, ad. 71, pág. 41.

(118). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 241, pág. 93: Sou uma velha encarnilhada. / Neste país não fui criada; / Trouxeram-me por tal engenho, / Quanto mais me querem, mais eu queimo.

Não há obscuridade alguma nessa aproximação, que revela, de fato, a origem verdadeira até então não esclarecida" (119).

Entretanto, parece-me que a conclusão não se impõe com tamanha evidência. As mesmas dificuldades apontadas acima (cf. notas à adivinha 21), precisariam ser removidas, para que a hipótese estabelecida tivesse um fundamento empírico.

Adivinha 46:

Em Tanabi pergunta-se simplesmente: Anda com os pés na cabeça (120). Todavia, no norte se conserva quase idêntica à variante paulista: o que é que anda com os pés na cabeça? (121).

Adivinha 47:

Em S. Paulo empregam também a seguinte fórmula: o que é que vai e vem sem sair do lugar. Esta variante está mais próxima da versão portuguesa: Que é que vai e vem, sem nunca sair do seu lugar? (122)

Lehmann Nitsche assinala em La Rioja:

Juana va, Juana vene,
Y en el camino se entretiene.

Daniel Gouveia, ao estudar a nossa adivinha, cotejou-a com uma versão francesa, fornecida por Rolland: Qu'est-ce qui va et vient et ne change pas de place?

Adivinha 48:

Esta adivinha também foi recolhida por Daniel Gouveia (123). No Rio Grande do Norte assume outra forma:

O que é, o que é?
Que só cresce para baixo? (124).

Adivinhas 49, 50 e 51:

Uma fórmula parecida com a da adivinha 51 foi encontrada em S. Paulo, aplicando-se porém a outro enigma (o "sino"):

No alto mora
No alto fica,
Todos o ouvem
Ninguém o adora (125).

(119). — Joaquim Ribeiro, *op. cit.*, pág. 181.

(120). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 45, pág. 69.

(121). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 38, pág. 29.

(122). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 81, pág. 42.

(123). — D. Gouveia, *op. cit.*, pág. 105.

(124). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 42, pág. 30.

(125). — R. T. Lima, *op. cit.*, ad. 48.

Semelhante aplicação da fórmula se estende por todo o país; assim foi a adivinha recolhida pela maioria dos folcloristas que se interessaram pelo assunto:

No alto, sonora,
Enquanto se toca
Tudo se adora (126).

Alto está
Alto mora
Todos beijam
Ninguém adora (127).

Alto vive,
Alto mora,
Todos os vêm
Ninguém o adora (128).

No alto está,
No alto mora,
Todos o ouvem,
Ninguém o adora (129).

O entroncamento da segunda adivinha (n.º 50) ao folclore ibérico é posto em relêvo pela seguinte variante, colhida em Santa Fé: *Siempre anda y nunca se mueve* (130).

A terceira adivinha, enquanto se encarar o assunto do ponto de vista das fontes imediatas, é de origem portuguesa. João Ribeiro, que se dedicou à análise da variante brasileira, cita um trecho dos *Apólogos Dialogais*, de D. Francisco Manoel de Melo, em que o tema já aparece completo: "... porque diz lá um pro-verbio que a nós outros os relógios todos nos creem, e nenhum nos adora" (131). É a seguinte a versão portuguesa dessa adivinha:

Alto está,
Alto mora;
Todos o crêem,
Ningüém o adora (132).

A adivinha ocorre idênticamente no folclore espanhol:

Alto me veo
Como una mona;
Todos me cren
Nadie me adora! (133)

(126). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 5, pág. 62.

(127). — D. Gouveia, *op. cit.*, pág. 102; esta variante se refere a "caneco".

(128). — A. Bezerra, *op. cit.*, pág. 475.

(129). — T. Brandão, *op. cit.*, ad. 7, pág. 42.

(130). — L. Nitsche, *op. cit.*, pág. 123.

(131). — João Ribeiro, *O Folclore*, pág. 212. D. Francisco Manoel de Melo, *Apólogos Dialogais*, pág. 7 (ed. 1721), apud A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, pág. 24.

(132). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 29, pág. 24.

(133). — F. R. Marin, *op. cit.*, pág. 277.

E conserva sua forma ibérica no folclore rioplatense:

Alto vive y alto mora,
En el se créé, mas no se adora (134).

A aplicação da fórmula para designar o *sino* é corrente em Portugal e implica algumas alterações formais (principalmente: "veem", em lugar de "creem"):

Alto está
Alto mora,
Todos o veem
Ninguém o adora.

O que é, o que é,
Que alto está e alto mora,
E assim que lhe chegam (ou: que lhe batem)
Logo chora? (135).

Alto está, alto mora; todos o véin e nadie o adora (136).

A variante n.º 51 apresenta, no entanto, uma particularidade: conserva-se formalmente segundo o padrão da versão lusitana aplicada ao "sino", embora tenha por fim designar o "relógio".

Adivinha 52:

Conforme acima, notas sôbre as adivinhas 2 e 3.

Adivinha 54:

Em S. Paulo a mesma adivinha apresenta outras variantes:

Na água eu nasci,
Na água me criei,
Se na água me jogarem,
Na água morrerei.

Fui nascido no mar.
No mar eu me criei,
Se me botarem no mar
Eu então morrerei (137).

(134). — L. Nitsche, *op. cit.*, pág. 71.

(135). — C. Martha e A. Pinto, *op. cit.*, pág. 249; Teófilo Braga, *op. cit.*, pág. 369; A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, págs. 23-24. Este folclorista consigna também a aplicação da fórmula para significar "Deus"; o terceiro verso transforma-se, então: "... ninguém o vê..." (cf. ad. 1, pág. 13).

(136). — L. Prieto, *op. cit.*, ad. 42, pág. 38.

(137). — R. T. Lima, *op. cit.*, ads. 87 e 232.

No folclore norterriograndense, corre quase com a mesma forma que a nossa variante:

Nasci nagua,
Nagua me criei;
Se nagua me botarem,
Nagua morrerai (138).

Na coleção Pires de Lima vem uma versão portuguesa muito mais completa que as variantes brasileiras:

Eu fui nascido no mar,
Sem ser peixe nem pescado;
Se eu tornar a minha mãe,
Serei logo consumido;
Eu vivo só neste mundo,
Neste traje descomposto;
E, sem cantar, nem bailar,
A tudo dou muito gosto;
Venho das ondas do mar,
Nascido da fresquidão;
Não sou água, nem sou sol,
Trago o tempêro na mão (139).

Adivinha 55:

Outra variante paulistana:

O que é, o que é,
Deus nunca viu,
O rei vê uma vez ou outra,
O homem vê todos os dias (140);

Daniel Gouveia consigna a mesma adivinha ligeiramente modificada:

O que é, que Deus nunca viu,
O rei uma vez ou outra
O homem todo dia? (141).

Em Portugal, a adivinha corre da seguinte maneira:

Que é que Deus nunca viu,
O rei poucas vêzes,
E nós vemos sempre? (142).

(138). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 13, pág. 19.

(139). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 260, págs. 100-101; cf. variante em nota de rodapé e a transcrição de uma passagem referente ao tema, de Francisco Lopes, *Passatempo Honesto*.

(140). — R. T. Lima, *op. cit.*, ad. 196.

(141). — D. Gouveia, *op. cit.*, pág. 116. Cf. também V. de Melo, *op. cit.*, ad. 23, pág. 25, e Théo. Brandão, *op. cit.*, ad. 12, pág. 75.

(142). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 143, pág. 63.

Um pastor viu na serra
o que o sol non pode ver,
nin o Papa na sua silla,
nin Dios co seu poder (143).

Na coleção de Marín consta uma versão castelhana mais completa que ambas (144):

Vió el pastor en la montaña
Lo que el rey no pudo ver,
Ni el pontifice en su silla
Ni Diós con su grande poder
Tam poco lo puede ver.

O mesmo tema se reflete no folclore francês:

Qu'est-ce qui Dieu ne voit jamais
Un roi rarement? (145).

Um pouco modificada, com referência à versão espanhola, a mesma adivinha persiste no folclore rioplatense:

Ve el pastor en su montaña
Lo que no ve el rey de España
Ni con todo su poder
El mismo Dios no puede ver (146).

Adivinha 56:

Em outra coleção, consta uma variante paulistana mais completa:

O que é, o que é,
Na água não se molha
No fogo não se queima (147).

Em Tanabí dizem simplesmente: passa na água e não se molha (148).

Daniel Gouveia registra uma variante brasileira dessa adivinha, muito parecida com a variante paulistana citada acima:

O que é, o que é,
N'água não se afoga
No fogo não se queima? (149).

(143). — L. Prieto, *op. cit.*, ad. 23, pág. 36.

(144). — F. R. Marín, *op. cit.*, pág. 305.

(145). — D. Gouveia, *loc. cit.*.

(146). — L. Nitsche, *op. cit.*, pág. 58.

(147). — R. T. Lima, *op. cit.*, ad. 24.

(148). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 14, pág. 64.

(149). — D. Gouveia, *op. cit.*, pág. 115.

Contudo, Veríssimo de Melo recolheu, no Rio Grande do Norte, uma fórmula idêntica à da presente coleção (150).

A nossa adivinha é de origem ibérica. Marin, por exemplo, consigna uma versão castelhana de que a nossa parece uma tradução:

Que cosa es cosa
Que entra en el agua y no se moja? (151).

Em Portugal a fórmula também é empregada para significar “criança ao colo da mãe”: Quem é que passa pela água e não se molha? (152). Já ouvi esta fórmula em S. Paulo, com o sentido indicado, mas para designar “a criança na barriga da mãe”.

Em Salto e em Buenos Aires foram colhidas duas variantes, uma das quais idêntica à versão castelhana transcrita nesta nota e, por conseguinte, semelhante à nossa:

Va al campo, no come,
Va al aqua, no bebe.
Va al fuego, no se quema.

Una cosa quisicoca
Que pasa por el agua y no se moja (153).

Adivinha 57:

Conforme acima, nota à adivinha 30.

Adivinhas 59 e 60:

No folclore norterriograndense o mesmo enigma se apresenta numa variante:

Que é que tem pé
e corre sem pé? (154).

Esta variante é importante: ela completa a nossa composição 59, tornando mais inteligível sua relação com a versão inclusiva portuguesa:

Que é, que é.
Que corre, corre,
Sem ter pés:
Dá-te na cara
E não no vês? (155).

(150). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 7, pág. 17.

(151). — F. R. Marin, *op. cit.*, pág. 302.

(152). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 267, pág. 102.

(153). — L. Nitsche, *op. cit.*, págs. 98 e 99.

(154). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 15, pág. 21.

(155). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 15, pág. 18.

A variante 60 encontra, por sua vez, um paralelo em outra versão portuguesa:

Qual é a coisa, qual é ela,
Que entra pela porta
E sai pela janela? (156).

Pires de Lima consigna uma versão castelhana, que ainda se reflete profundamente nas variantes rioplatenses do tipo da nossa:

Vuela sin alas,
Silba sin boca,
Azota sin maños,
Y tu ni lo ves, ni lo tocas (157).

Vuela sin alas,
Silva sin boca,
Y no lo ves ni lo tocas (158).

Que és? Que és?
Te da en la cara y no lo ves! (159).

Adivinha 61:

Variante norterriograndense:

O que é que anda, anda,
É vai parar detraz da porta? (160).

Entre as variantes portuguesas reunidas por Pires de Lima, suponho que a fórmula corrente em S. Paulo se assemelha mais à seguinte:

O que é que corre a casa tôda e vai pôr-se a um canto? (161)

Ao analisar esta adivinha, Daniel Gouveia lançou mão de uma versão francesa: Qu'es-ce qui fait le tour de la chambre et revient toujours dans son petit coin? (162).

Adivinha 62:

Essa adivinha é registrada do mesmo modo por Sebastião Almeida Oliveira (quanto ao folclore tanabiense) e por Verissimo de Melo (quanto ao folclore norterriograndense); em castelhano:

(156). — *Idem*, ad. 16, pág. 19.

(157). — *Loc. cit.*, nota de rodapé.

(158). — L. Nitsche, *op. cit.*, pág. 33.

(159). — I. Moya, *op. cit.*, pág. 41.

(160). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 125, pág. 56.

(161). — *Op. cit.*, pág. 44, nota 3; cf. também ad. 87.

(162). — D. Gouveia, *op. cit.*, pág. 126.

Por qué entran los perros en las iglesias? Porque hallan las puertas abiertas (163).

Adivinha 65:

A mesma "pergunta" é formulada de outra maneira no Rio Grande do Norte: Porque a onça pintada não pega meninos? (164).

Adivinha 66:

João Ribeiro estuda um "problema" desta espécie (um homem precisa transportar de barco um repolho, um lobo e uma cabra ou ovelha). A solução é a mesma (165). Pires de Lima fornece a versão portuguesa (166).

Adivinha 70:

Existe uma adivinha portuguesa em que o enigma é proposto da seguinte maneira:

Duas mães e duas filhas
Vão á missa com três mantilhas... ("mãe, filha e neta") (167).

*
* *

4 — AS ADIVINHAS E A MUDANÇA SOCIAL:

As notas coligidas na terceira divisão dêste trabalho possuem um alcance modesto: elas param por assim dizer onde deveria começar a análise folclórica pròpriamente dita, nos limites do reconhecimento das chamadas *fontes imediatas* das adivinhas recolhidas. Entretanto, quaisquer que sejam suas limitações, elas pelo menos propiciam uma parte do conhecimento necessário para o exame sociológico das adivinhas (168). Em têrmos gerais, a ques-

(163). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, ad. 85, pág. 75; V. de Melo, *op. cit.*, ad. 149, pág. 63: a versão castelhana transcrita é fornecida por Luís da Câmara Cascudo, no prefácio da obra de Veríssimo de Melo. Afirma que a pergunta é conhecida na Espanha e na América espanhola (*op. cit.*, pág. IV); a variante em questão foi recolhida por Alden Mason em Porto Rico. Amadeu Amaral transcreve a versão italiana dessa adivinha (cf. *op. cit.*, pág. 280).

(164). — V. de Melo, *op. cit.*, ad. 151, pág. 64.

(165). — J. Ribeiro, *op. cit.*, cap. XXVIII.

(166). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 310, pág. 114.

(167). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*, ad. 308, pág. 114.

(168). — Alguns problemas sociológicos, provàvelmente os mais interessantes do ponto de vista da contribuição de pesquisas dêste gênero à sociologia, não serão discutidos aqui. O exame dêles depende da manipulação dos resultados da investigação de outros setores do folclore paulistano e só poderá ser tentado com êxito quando reunir em um só volume os estudos que venho realizando.

tão que se coloca é a seguinte: as adivinhas não existem *por si e para si*, mas como realidades anímicas, que se integram dinamicamente no comportamento humano, constituindo por isso uma função dos processos que preservam ou modificam as estruturas sociais. A sociologia dispõe de vários “meios” para a abordagem destas realidades. Dependê, porém, da análise folclórica: 1) para selecioná-las empiricamente, como e enquanto objetivações culturais com função específica; 2) para situar concretamente suas conexões com as estruturas sociais. Segundo suponho, o conhecimento obtido até agora, convenientemente completado através da própria análise folclórica, facultá-nos ambas as coisas.

Quanto ao primeiro tópico, a análise folclórica mostra que 59 das 72 composições recolhidas se integram realmente ao folclore brasileiro. Isso porque põe em evidência a sua repetição em S. Paulo ou em outras regiões do Brasil, e porque sugere os contactos da maioria delas com as adivinhas do folclore ibérico, em particular com as portuguesas. Ainda assim, das 13 restantes somente 6 suscitam dúvidas quanto ao grau de repetição ou de generalização e à provável filiação (as de número 19, 20, 33, 35, 58 e 68); é provável que as demais (29, 40, 41, 42, 63, 64 e 69), examinadas á luz de uma documentação comparativa mais rica, apresentem os mesmos caracteres que as 59 adivinhas, de cunho folclórico indiscutível. No entanto, restringindo as inferências a estas 59 adivinhas, observa-se:

1) que as adivinhas consignadas nesta coleção, em sua maioria, foram transplantadas da Europa para o Brasil, freqüentemente através de versões lusitanas;

2) que a transformação delas tem atingido, sobretudo, a estrutura formal das composições;

3) que a êsse processo cultural de transformação da estrutura das adivinhas se associa um subprocesso de elaboração e de multiplicação de variantes;

4) que a transformação formal não chegou a ser tão profunda a ponto de determinar uma reformulação verbal dos enigmas propostos nas versões ou variantes originais; grosso modo, reduz-se a “perdas” ou “substituições” parciais;

5) que o processo de transformação formal, via de regra, tem se refletido muito pouco na alteração do conteúdo ou da significação das adivinhas;

6) e, por fim, que a persistência relativa da estrutura formal das adivinhas e a conservação quase normal de suas significações se explicam pela coerência das mesmas com o contexto cultural do meio social ambiente.

A comparação das coleções globais ainda deixa margem para outra inferência, que completa as duas últimas observações (em

particular a sexta). Os temas dominantes nas coleções de adivinhas brasileiras e portuguesas agrupam-se em torno de centros de interesse comuns. Todavia, há temas freqüentes nas coleções portuguesas que se repetem em coleções relativas ao folclore nordestino, embora não surjam nas coleções concernentes ao Rio de Janeiro e a S. Paulo, e vice-versa. Segundo suponho, isso indica que o decantado "empobrecimento" das tradições portuguesas, transplantadas para o Brasil, constitui primordialmente um dos efeitos dos processos seletivos, através dos quais aquelas tradições foram integradas ao nosso folclore. Muitas adivinhas não se incorporaram ao folclore brasileiro em virtude de seus próprios temas; certas plantas e as frutas correspondentes, muitos artefatos e técnicas, bem como várias atividades econômicas e sociais, não se transferiram para a nossa cultura, apesar da colonização portuguesa. As adivinhas cujos temas se associavam a tais assuntos perderam, evidentemente, o ponto de referência concreto que lhes dava *sentido*. Se chegaram a ser transplantadas para o Brasil (a documentação conhecida nada esclarece a respeito), tornaram-se anacrônicas e desapareceram, em sua maioria, do número de tradições portuguesas que se perpetuaram em nosso folclore.

Doutro lado, a seleção das adivinhas (como a de outros valores, transmitidos pelos portugueses) não se processou de modo uniforme. As condições naturais, a flora, a fauna, as atividades de produção e de consumo, a vida social em muitos de seus aspectos, variam notavelmente do norte para o sul; de modo que certas tradições portuguesas, que acharam meio propício à sua transplantação e perpetuação em certas regiões do Brasil, não o encontraram em outras. Isso contribui para explicar, com relação às adivinhas de origem ibérica, as diferenças existentes entre as coleções de adivinhas organizadas no norte e no sul do país. Além disso, as condições do referido processo de seleção e, em consequência, os seus efeitos têm se alterado continuamente, em conexão com as transformações sociais que afetaram a estrutura e a organização das comunidades brasileiras. Em outras palavras, a transferência e a integração de adivinhas de origem ibérica aos folclores regionais do Brasil não poderiam assegurar a perpetuação delas, a qual depende da atuação de outros processos sociais e culturais. Como a natureza e o ritmo das transformações sociais atingiram de modo e em grau desiguais as nossas comunidades rurais e urbanas, a preservação das tradições portuguesas transplantadas também se processou de forma heterogênea. Isso quer dizer que o decantado "empobrecimento" crescente da herança cultural ibérica resulta, secundariamente, das imposições ou dos impactos da mudança social. As diferenças globais existentes entre as coleções de adivinhas brasileiras já publicadas, no que concerne aos temas dominantes e ao grau de estabilidade cultural, ficam inteligíveis quando encaradas dêste ângulo.

Tôdas as considerações ocasionadas pelos resultados da análise folclórica das adivinhas, desenvolvida na terceira parte dêste trabalho, estão, como se vê, confinadas aos aspectos estáticos dos fenômenos interpretados. Pois elas apenas focalizam o *montante* das adivinhas que possuem determinada origem, e procuram explicá-lo por meio da interpretação das causas e das condições da preservação das adivinhas no Brasil. Duas conclusões relevantes e essenciais são postas em evidência: a) a quase totalidade das adivinhas recolhidas em S. Paulo lança suas raízes no folclore ibérico; b) é considerável o grau de estabilidade cultural revelado pela análise folclórica das adivinhas em questão. Semelhante maneira de encarar o assunto não permite ir além da constatação geral de que as adivinhas paulistas conservam, em sua maioria (quasi 80% da presente coleção), a forma e a significação de suas *matrizes* européias, apenas alteradas parcialmente.

Mas, não haveria outra maneira de encarar o assunto, que permitisse interpretar os mesmos fenômenos de um ângulo mais dinâmico? Dentro do espírito do segundo quesito, os folcloristas são levados a concentrar sua atenção no modo de manifestação das tradições no comportamento humano. Assim, em vez de um inventário das adivinhas e de suas origens, tratam de indagar *quais* são as pessoas que as "contam" e *como* as "contam". Examinando-se a questão desse ângulo, verifica-se que a forma de integração das adivinhas a vida social tem se modificado profundamente em S. Paulo. A documentação empírica disponível não favorece uma discussão completa dêste problema. Contudo, é possível lançar alguma luz sôbre êle, utilizando a análise folclórica comparativamente.

Embora a documentação relativa ao folclore paulistano no passado não contenha indicações sôbre a forma de integração das adivinhas à vida social, sabe-se como ela se processava em outras regiões do Estado. Em Tanabí, por exemplo, as adivinhas são propostas pelos *caipiras* e *camponeses* "... quer nos serões para destalar fumo, à noite; quer nos mutirões para barrear casa, plantar roça e limpar os "mantimentos"; em todos os serviços feitos em conjunto para *matar o tempo* entram em ação as perguntas e adivinhações. Também em viagens, a pé e a cavalo, e até mesmo em noites de velório, guardando defunto; nas horas de descanso habitual, dentro e fora da habitação, em tôda a parte, em suma, têm cabida como entretenimento, jogo de espírito e passatempo..." (169). Essas informações são muito esclarecedoras, mas já apanham as adivinhas em uma fase de transição e de mudança social. A introdução do elemento profano no velório seria, *verbi gratia*, uma prática recente; Almeida Prado, tratando do assunto com re-

(169). — S. A. Oliveira, *op. cit.*, pág. 61.

lação ao folclore do sul do Estado, assevera de passagem que ela data “de uns vinte anos para cá” (170). Todavia, as informações de Almeida Oliveira sugerem que as adivinhas penetravam completamente a vida social dos “caboclos”, incorporando-se às principais situações sociais vividas pelos indivíduos adultos em uma sociedade de “folk”.

Pode-se acrescentar às suas indicações certos dados fornecidos por Leôncio de Oliveira, que demonstram a integração das adivinhas a tipos de ação lúdica fundamentais da “cultura cabocla”. O conto “O Violeiro de São Gonçalo” contém uma descrição do desafio entre o *devoto* e o *diabo*, no qual são propostos dois enigmas:

“Não requer Devoto intervalo para a pergunta:

Pra tão forte cantador
Não farei pergunta atôa;
Qual é a única coisa
Que tem no inferno e que é bôa?

Retorquiu o folgador:

Qual é a única coisa
Que tem no inferno e que é bôa?
Pois é o que ninguém tem
Enquanto a hora não soa.

E num riso sarcástico perguntou:

Agora também me diga
Que há no céu e que presta?
Olhe, foi pra lá levada
Por santo amigo de festa.

Tem orêia, não é gente;
Cintura, sem ser muié;
Saluçã sendo de páu,
Me diga, depois, o que é?

Devoto não se fêz esperar:

Lhe digo já o que é:
Primeiro, tudo no céu,
Tudo presta, porque é santo
De se tirar o chapéu.

Sua pergunta sem jeito
Com bons modos eu lhe canto.
Vancê qué se arrefiri
À viola do meu santo” (171).

(170). — José Nascimento de Almeida Prado, *Trabalhos Fúnebres na Roça*, págs. 27-28.

(171). — Leôncio C. de Oliveira, *Vida Roceira*, págs. 70-71.

A mesma fonte consigna um dos *pontos* das cantigas de desafio:

Folgador que estaes folgando,
No meu ponto tome tento:
Me diga se fôr bom mesmo,
Quem corre mais do que o vento?

Não pergunte coisa fácil,
Isso é ponto de criança.
Quem corre mais do que o vento,
Já lhe digo: — É a lembrança (172).

A documentação relativa á incorporação das adivinhas aos autos populares e ao desafio é muito abundante, especialmente no que concerne ao norte do país; dela extrai alguns exemplos, para apresentar aquí. No auto do *Bumba meu Boi*, o *advogado* pergunta:

Responda ao que lhe pergunto
E não me fique calado:
O gado comeu a roça
Ou a roça comeu o gado?

E o capitão responde:

Nem o gado comeu a roça,
Nem a roça comeu o gado.
Mandei chamar o doutor,
Porque estou atrapalhado! (173).

A mesma fonte consigna a seguinte "adivinhação" em um desafio:

1.º cantador —

Cantador, se és tão danado,
Me destrinche esta também:
Duzia e meia de cangalhas
Quantos cabeçotes tem?

(172). — L. C. de Oliveira, *op. cit.*, págs. 47-48. Outro exemplo de integração de adivinha ao desafio, cf. José A. Teixeira, *Folklore Goiano*, pág. 316. Seria conveniente mencionar também os "pontos" que os jongueiros cantam. Eles apresentam uma forma parecida à das adivinhas; embora alguns deles possam ser classificados entre as adivinhas, no entanto, os pontos do jongo se distinguem destas por seu caráter circunstancial e peculiar: são extraídos de acidentes da vida cotidiana, pelos jongueiros, e uma vez decifrados caem no olvido. Alceu Maynard de Araujo, que me deu estas informações, adianta também que o proponente do "ponto" é conhecido como seu "dono" e como "galo", quando o "ponto" é difícil (veja-se também *Jongo*, pág. 49).

(173). — Gustavo Barroso, *Ao Som da Viola*, pág. 283.

2.º cantador —

Canta o galo no poleiro,
Grita o mocó no serrote,
Urra o touro na malhada,
Rincha o pai d'égua no lote:
Duzia e meia de cangalhas
Tem trinta e seis cabeçotes! (174).

Rodrigues de Carvalho e Câmara Cascudo reuniram diversos desafios em que "adivinhações" são aproveitadas pelos cantadores:

a) "Sales —

O senhor é tão sabido,
Me destrinxo esta conta:
Vinte e cinco guardanapos,
Dois vintem em cada ponta.

Neco —

Sales, eu distrinxarei
Como bem me parecer,
Doze patacas e meia,
Quatro mil réis vem a ser (175).

Esta adivinha é de origem portuguesa e dela apresenta Pires de Lima duas variantes (176).

b) *Desafio de Manuel Riachão com Maria Tebana (177):*

— Senhor Manuel do Riachão,
Que comigo vem cantar,
O que é que os olhos vêm
Que a mão não pode pegar?
De pressinha me responda,
Ligeiro sem imaginar.

(174). — Gustavo Barroso, *op. cit.*, pág. 570. Esse aproveitamento da "adivinhação" no canto de desafio é muito comum. Mesmo na literatura de cordel se encontra exemplos: cf. *verbi gratia*, J. Grataquês, *Lampeão Sanguinário*, a descrição do desafio entre Antônio Riacho e "Chá Perigoso", pág. 46.

(175). — Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*, págs. 237-238.

(176). — A. C. Pires de Lima, *op. cit.*: / Quatrocentos guardanapos / Seis vintens em cada ponta; / Menina, que é tão fina, / Faça-me lá essa conta (ad. 302, pág. 111); Quatrocentos guardanapos, / Que eu tenho no meu tesouro, / Seis vintens em cada ponta, / faz quantas moedas de ouro? (Ad. 304, pág. 112). Elas ocorrem em Portugal também em cantigas de desafio (cf. adiante, nota de rodapé 186). Luís da Câmara Cascudo trata dessas "perguntas" e consigna em nota de rodapé duas variantes brasileiras mais próximas das versões lusitanas (cf. *Vaqueiros e Cantadores*, pág. 157).

(177). — R. de Carvalho, *op. cit.*, págs. 247-249; transcrevi integralmente o desafio, porque é construído tendo por base exclusiva as "adivinhações" e as "respostas". Luís da Câmara Cascudo associa a segunda pergunta às adivinhas portuguesas transcritas na nota anterior e às suas variantes brasileiras. A última, cuja solução é camaleão, encontra-se na coleção V. de Melo (ad. 29, pág. 27).

- Você, Maria Tebana,
Com isso não me embarça,
Pois é o sol, e é a lua,
Estrela, fogo e fumaça,
Ligeiro lhe respondo,
Se tem mais pergunta faça.

- Senhor Manuel do Riachão,
Torno outra vez perguntar:
Quatrocentos bois correndo,
Quantos rastos deixará?
Tire a conta, dê-me a prova,
Depressa, p'ra eu somar.

- Bebendô n'uma bebida,
Comendo tudo num pasto,
Dormindo numa malhada,
São mil seiscentos rastos:
Some o ponto, tire a prova,
Que dêste ponto não fasto.

- Leão sem ser de cabelo,
Cama sem ser de deitar,
De todos os bichos do mato,
Entre tudo o que será?
Depressa você me diga,
Sem a ninguém perguntar.

- Você, Maria Tebana,
Nisto, não me dá lição;
Pois é um bicho escamento,
Chamado camaleão,
Que sempre vive trepado,
Poucas vêzes vem ao chão.

c) *Desafio de Zefinha do Chabocão com Jerônimo do Junqueiro (178)*:

- É isso mesmo, Gerome,
O senhor sabe cantá:
Qual foi o bruto no mundo
Que aprendeu a falá,
Morreu chamando Jesús:
Mas não pôde se salvá?

- Isso nunca foi pergunta
Pra ninguém me perguntá:
Foi o Papagaio dum veio
Qu'ele ensinou a falá;
Morreu chamando Jesús
Mas não pôde se salvá...

Essa adivinha consta de duas coleções do folclore nordestino (179) e, provavelmente, é de origem ibérica (180).

d) *Desafio de Chica Barrosa com José Bandeira* (181):

- Sim-sinhô, seu Zé Bandeira,
Já vejo que sabe lê;
Pelo ponto que eu tô vendo
Linda é capaz de dizer
O que é que neste mundo
O homem vê e Deus não vê?
- Barroza, os teus ameaço
Eu não troco pelos meus;
O home vê outro home
Mas Deus não vê outro Deus.

Sôbre esta adivinha, conforme acima, notas à composição paulistana número 55 (págs. 169-170).

Além de utilizar as adivinhas nos cantos de desafio, os cantadores também as recitavam isoladamente; Câmara Cascudo transcreve a seguinte "adivinhação", que foi recitada, em Campina Grande, por Bernardo Cintura (182):

Um homem houve no mundo
Que sem ter culpa morreu,
Nasceu primeiro que o pai,
Sua mãe nunca nasceu,
Sua avó esteve virgem
Até que o neto morreu...

Esta adivinha, cuja resposta é *Adão*, está incorporada em sua forma tradicional à coleção *Théo. Brandão* (183) e é de origem européia, como indica Câmara Cascudo (184).

Esses exemplos mostram que o aproveitamento das adivinhas nos cantos de desafio constitui uma técnica, nada tendo de peculiar ou de pessoal. A elaboração pessoal só se manifesta na maneira de entozar as adivinhas ao canto e de formular as respostas. Aliás, o emprêgo desta técnica é documentado para vá-

-
- (179). — Cf. A. Bezerra, *op. cit.*, pág. 469: Criatura que nunca pecou, / Nem pretende pecar, / Chama por Jesús Cristo / E nunca se há de salvar. E V. de Melo, *op. cit.*, ad. 39, pág. 29: Verde foi meu nascimento / E me ensinaram a falar; / Eu chamei tanto por Deus / E não pude me salvar?
- (180). — L. da Câmara Cascudo transcreve uma versão castelhana, corrente em Porto Rico, cujo significado é *cotorra*: Una que nunca pecó, / Ni supo qué fué pecar, / Morió llamando a Jesus / Y no su pudo salvar (*op. cit.*, pág. 156, nota de rodapé).
- (181). — L. Câmara Cascudo, *op. cit.*, pág. 157.
- (182). — L. Câmara Cascudo, *op. cit.*, pág. 159.
- (183). — *Théo. Brandão*, *op. cit.*, ad. 25, pág. 45: Era um homem neste mundo, / Quase sem culpa morreu, / O pai êle nunca viu, / A mãe nunca conheceu, / A avó julgou-se em vida (?) / Até que o neto morreu (Resposta: "Adão e a Terra").
- (184). — Cf. Análise que Câmara Cascudo procede, *op. cit.*, págs. 159-160. É importante assinalar o papel desempenhado pelo romance "História da Donzela Teodora" na dissiminação da adivinha.

rias sociedades. Lowie se refere à sua existência em sociedades tribais (185); e os folcloristas observaram-na freqüentemente, por sua vez, em sociedades de *folk* de países civilizados. Em Portugal, por exemplo, muitas cantigas de desafio são glosas de adivinhas (186); a comparação de coleções de cantigas de desafio lusitanas com os "desafios" nordestinos sugere não só que a técnica foi transferida do folclore português para o brasileiro, mais ainda que algumas composições portuguêsas, mais ou menos modificadas, se conservaram no norte do Brasil.

A análise folclórica deixa entrever, através do material exposto, duas seqüências características no desenvolvimento social das adivinhas brasileiras (que são, é óbvio, as duas seqüências evolutivas que exprimem a própria transformação social do folclore brasileiro considerado como um todo). Uma, em que as adivinhas fazem parte das situações sociais de vida como uma realidade dinâmica, ao mesmo tempo plástica e ativa; elas atuam plenamente, então, como uma força social construtiva e constituem uma das manifestações mais conspícuas do saber popular. A exteriorização das adivinhas, apesar do sinete da tradição, não tolhe as elaborações pessoais, o fluxo do pensamento individual e da imaginação, criadora dos atores ou agentes. E para algumas personalidades, como por exemplo os cantadores do nordeste, as adivinhas se localizam em uma esfera de competição da cultura, graças ao fato de serem uma fonte de prestígio social. Na outra seqüência, as adivinhas continuam a penetrar extensamente as condições de existência social, impregnando o conteúdo e o teor das relações sociais. Mas se ossificam e agem como uma força social construtiva apenas em um sentido conservativo. As adivinhas ganham em fixidez de forma e de significação, comprometendo-se porém a parte de seu contexto subjetivo que emana da expressão de anseios, de emoções e de idéias dos agentes ou atores. Quebrada a unidade entre o ritmo de vida psíquica e o ritmo de vida social, antes garantida pela vigência plena das tradições, elas se reduzem progressivamente a um expediente destinado a manter o *tonus* eufórico do convívio social. Segundo uma fonte citada acima, então as adivinhas se transformam em um meio de *matar o tempo*, tanto para os adultos quanto para as crianças (187). Em síntese, as duas

(185). — Cf. Robert H. Lowie, *Cultural Anthropology*, pág. 171.

(186). — Cf. Augusto César Pires de Lima, *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*, vol. III (*Tradições Populares de Santo Tirso*), pág. 380-385, especialmente composições de número 12, 16, 17 e 19; e vol. IV, parte relativa ao *Cancioneiro Popular de Cabeceiras do Basto*, págs. 201-203, especialmente as cantigas de desafio sob número 1.

(187). — O exemplo em questão se refere a uma cidade rural de S. Paulo (cf. acima, pág. 140). Mas esse processo tem ocorrido em outras regiões, e é um folclorista do Rio Grande do Norte que escreve: "No sertão, nas pequenas cidades do interior, dizer adivinhas ainda é interessante *passatempo*. Há pessoas privilegiadas, que sabem todas as respostas, decifram todos os enigmas, por mais intrincados que pareçam" (Veríssimo de Melo, *op. cit.*, pág. 10; o grifo é meu).

seqüências representam épocas distintas nas transformações de um mesmo tipo sócial — o da sociedade de *folk*; todavia, a última seqüência corresponde a uma fase estrutural em que se engendra um novo estilo de vida na organização da sociedade de *folk*, em consequência da transição incipiente para uma forma social urbana (188).

As adivinhas recolhidas em S. Paulo correspondem, por sua forma de integração à vida social, a uma dessas épocas de transformação social do folclore brasileiro? Algumas evidências revelam que as adivinhas paulistanas, tal como ainda são formuladas, constituem resíduos culturais (ou "sobrevivências") da cultura de *folk* em desintegração e que, nesse sentido, elas seriam os últimos vestígios do estado de semelhantes realidades culturais na segunda seqüência evolutiva por que passou o folclore brasileiro. A conservação de certas adivinhas, cujos temas se tornaram anacrônicos em um meio social urbano, o grau de ossificação da estrutura formal e do significado das composições em apreço e por fim a restrição de sua função recreativa às relações circunstanciais dos indivíduos, eis os principais argumentos dessa interpretação. O próprio processo da preservação de tais adivinhas se explicaria socialmente através da demora cultural, graças ao caráter recente da urbanização de S. Paulo e à composição heterogênea de sua população, em que os contingentes brasileiros dominantes são de procedência rural. Entretanto, a forma de integração das adivinhas à vida social urbana e a própria persistência delas neste meio levantam questões que não podem ser respondidas satisfatoriamente do ponto de vista indicado. A idéia de "inércia cultural" lança alguma luz sôbre tais questões, sem explicar exatamente tudo: em

(188). — Tomando-se o termo *época*, no sentido em que êle é empregado por F. Tönnies (cf. *Communauté et Société*, apêndice, itens VII e VIII, esp. págs. 238-240). Convém notar, no entanto, que as seqüências evolutivas concebidas por Tönnies em termos de épocas da *era da comunidade* (sociedade de *folk*, neste trabalho); não se evidenciam com a mesma nitidez no Brasil; segundo suponho porque: 1) as condições de existência social, em virtude principalmente das formas de adaptação desenvolvidas, inclusive através da escravidão dos índios e dos africanos, e da natureza do sistema econômico que as suportava, não favoreceram a transferência integral do padrão de organização comunitária das sociedades camponesas européias para o Brasil; 2) em consequência, a evolução das sociedades de *folk* apresenta tendências peculiares no Brasil (e provavelmente em outros países latino-americanos): a) permanência relativa maior de uma das duas épocas da *era comunitária*; b) transição quase abrupta para as formas sociais da vida urbana (era da sociedade, segundo Tönnies). Infelizmente, R. Redfield, que tratou de problemas desta espécie com referência a Yucatan (México), não se interessou por questões como estas (cf. esp. *Yucatan*, cap. XII).

É provável que se consiga explicar, orientando a pesquisa sociológica neste sentido, as conexões mais profundas do folclore brasileiro com as estruturas em mudança ou em desintegração das sociedades de *folk* e com as estruturas em formação das sociedades urbanas. Em particular, é possível que se descubra, assim, as condições e as causas de dois fenômenos que atraem a curiosidade dos especialistas: a ossificação precoce do folclore em zonas rurais em crescimento e a conservação tardia, ainda que como sobrevivência, das tradições populares em zonas urbanas.

particular, ela não esclarece *porque* a técnica de formulação de enigmas verbais persiste em uma forma social urbana (ou em urbanização). Se as adivinhas fazem parte de uma herança cultural, é óbvio que elas devem representar de algum modo o passado de que se originam; restaria saber, porém, se a utilização delas não responde a necessidades sociais e se, sob esse aspecto, elas não seriam mais do que meras "sobrevivências" culturais.

Comparadas às duas épocas esboçadas acima, a forma de integração das adivinhas paulistanas à vida social: 1) distingue-se do que acontecia na primeira, porque elas se despojaram do significado existencial, que lhes era imprimido pela atualização, poético-dramática, em situações grupais de vida; 2) caracteriza-se diante do que ocorria na segunda, porque elas atingiram em grau muito maior o caráter de "passatempo" individualizado e são postas em prática em número restrito de situações sociais. A difusão social das adivinhas continua a ser considerável: embora a presente coleção não o aparente, são raros os habitantes da cidade que não possuam seu pequeno repertório, ou que não se recordem do significado de uma porção delas. Todavia, as flutuações ligadas com o sexo, a idade e o *status* social dos indivíduos são relevantes. Os círculos dentro dos quais elas são mais conhecidas e em que são praticadas com maior intensidade, são os constituídos pelas crianças e adolescentes. Entre os adultos, constatei que as mulheres conhecem, em geral, maior número de adivinhas do que os homens; as diferenças estão condicionadas, no entanto, pela posição social, pois o interesse dos adultos pelas adivinhas é pequeno na "alta sociedade", aumentando progressivamente à medida que se passa para as "classes médias" e para as "camadas populares".

Quanto ao modo de exteriorização, as adivinhas são propostas realmente como enigmas entre as crianças e adolescentes. A expectativa do proponente é que o interlocutor (ou um dos interlocutores) *descubra por si mesmo* a "resposta". Nesse sentido, a situação criada se aproxima do padrão tradicional das relações dos participantes na formulação das adivinhas. São numerosas, doutro lado, as oportunidades dos imaturos para "brincar de adivinha": quando crianças, nos encontros fortuitos ou regulares ao ir para a escola ou no recreio, em casa, mas principalmente nos grupos de folguedo (como as "trempinhas" e as "trocinhas"); quando rapazes, particularmente nas conversas na rua (grupos congêniais) e nos clubes de bairro. Já entre os adultos, a exteriorização das adivinhas apresenta aspectos peculiares. Pelo que consigo observar, parece que atribuem pouca importância à *solução* propriamente dita dos enigmas propostos. Por isso, as adivinhas são formuladas e logo a seguir, se alguém não adianta logo a "resposta", o proponente a indica de modo sumário. Elas se transformam, assim, em simples "jôgo de espírito": o prazer que propor-

cionam não vêm mais da participação ativa na interpretação dos enigmas, mas do que elas representam em si mesmas como florações intelectuais. Aproximam-se portanto do padrão do relato puro e simples, caindo no esquema de atitudes e relações associado à exteriorização das anedotas. Na vida dos adultos, elas ocupam um lugar menos importante que na dos imaturos; mas, ainda assim, são praticadas em diversas ocasiões. Verifiquei, por exemplo, que as adivinhas desempenham o seu papel na vida doméstica, pois se incorporam às conversas dos adultos, especialmente das mulheres entre si, e enriquecem os expedientes que servem de trampolim para os ajustamentos com as crianças. Nas relações masculinas, elas ocorrem com menor intensidade do que as anedotas, mas em tôdas as situações em que estas são postas em prática, desde os contactos fortuitos até as reuniões nos lugares de trabalho, nos bares e cafés, nos clubes e em casa, há campo para outros temas, inclusive as adivinhas. Como as anedotas, são expedientes valiosos em certos tipos de relações, como as dos vendedores ou propagandistas com seus clientes. Daí a riqueza do repertório de adivinhas destes profissionais, que chega a ser notável entre os que operam como "representantes" ou como "caixeiros-viajantes" fora da área urbana.

Há outros meios de manifestação das adivinhas, que são mais coerentes com a natureza da vida urbana: a propaganda e o rádio, que atuam conjugadamente no processo em questão. A exploração dos "concursos" com fins de propaganda tornou-se uma técnica corriqueira. Como as empresas anunciantes têm interesse em alcançar a maior repercussão possível, não são poucas as que se utilizam das adivinhas como expediente para atrair a atenção e para assegurar a participação das *donas de casa* em seus "concursos". Além disso, as adivinhas também se incorporam, embora com pequena freqüência, a programas recreativos. Isso quer dizer que pelo menos alguns elementos da cultura urbana contribuem para conservar as adivinhas na memória coletiva.

Essas indicações permitem localizar as necessidades sociais a que servem as adivinhas em uma sociedade urbana (ou em urbanização), como S. Paulo, e mostram que, nesta cidade, elas ainda não caíram na categoria das "sobrevivências" (189). A insistência em seu caráter de "passatempo" individualizado e no que elas representam actualmente como *expediente*, no plano dos ajustamentos e das relações sociais, tem pois a sua razão de ser. Segun-

(189). — Subentendendo-se que o termo "sobrevivência" seja aplicado no sentido restrito que lhe atribuem os etnólogos, para designar a retenção de elementos da cultura depois deles perderem sua função. Alguns folcloristas empregam o termo em um sentido mais amplo e nada adequado: pretendem com êle referir toda e qualquer espécie de manifestação do conservantismo cultural. Evidentemente, a idéia que está em jogo na afirmação estabelecida no texto é que não se deve confundir a "perda" de função com a "mudança" de função.

do suponho, é dêste ângulo que se pode entender melhor o que há de peculiar na forma de integração das adivinhas paulistanas à vida social urbana. Os etnólogos muitas vezes preocupados somente com o "uso" das adivinhas, e os folcloristas, até hoje interessados em sua "forma" e "conteúdo", foram levados a ressaltar o elemento aparentemente comum, que seria a idéia ou o fito de *recreação* ou de *diversão*. Por isso, aproximaram e identificaram umas às outras adivinhas de povos cultural e socialmente distintos. Não há dúvida de que as adivinhas se destinam a "divertir"; todavia, elas consistem em uma "*diversão social*", se me for permitido escrever assim: elas não "divertem" os indivíduos isolados, mas quando reunidos em grupo. Ora, o que se alterou profundamente no folclore paulistano foram as condições sociais da forma de recreação associada às adivinhas. Elas deixaram de ser tanto uma manifestação de diversões coletivas, quanto um dos agentes culturais de estimulação da eunomia social. O *par*, com tôdas as suas conseqüências como modalidade de constelação das relações sociais, é suficiente para satisfazer as condições sociais dêsse tipo de recreação em S. Paulo; e o circunstancial e o transitório, com seus variados efeitos na quebra dos padrões dramático-rituais ou simplesmente lúdico-rituais de conduta, são capazes de fornecer a êsse tipo de recreação um ponto de referência estrutural para a sua integração ao ritmo de vida social urbana. Em suma, as alterações das condições sociais da forma de recreação associada às adivinhas sublinham a transformação de sua função social no meio urbano.

Pelo que consegui compreender a respeito, só entre as crianças as adivinhas se associam a ações exclusivamente lúdicas. Entre os meninos, parece que elas estimulam atitudes competitivas: em um grupo de quatro, cinco, seis ou mais garotos, freqüentemente nenhum gosta de "ficar atrás do outro", de modo que todos se esforçam por "contar" o maior número possível de adivinhas. Entre as meninas, ao contrário, o relato em rodízio não é provocado por atitudes competitivas, mas corresponde ao padrão de obrigações circulares ligado ao jôgo de roda: cada uma "*deve contar*" uma adivinha, e isso tantas vezes quantos forem os turnos — o que não impede que algumas "*contem*" maior número de adivinhas que outras. Nas relações dos adultos, todavia, nem sempre acontece a mesma coisa. As adivinhas podem possuir um fim recreativo; muitas vezes, porém, os agentes incorporam a êste um objetivo suplementar, de carater estratégico, nascido dos próprios motivos subjetivos que os levam a "contar" a alguém uma adivinha. É visível, por exemplo, que quando um vendedor "conta" uma anedota ou uma adivinha a seu cliente, não é a recreação em si mesma que constitui o móvel principal de sua ação. A preocupação de cativar ou de manter a amizade do cliente traduz o desejo de transformar em simpatético um contacto categórico ou de estreitar ain-

da mais os laços pessoais oriundos desta transformação. Antes que os sociólogos, os romancistas e os filósofos descobrissem que a alegria e o riso aproximam as pessoas; os vendedores, mesmo os menos hábeis, geralmente são peritos no manêjo dos artifícios capazes de produzir um ambiente de cordialidade e susceptíveis de precipitar os conhecidos *compromissos* de "amizade", tão importante em certas relações comerciais. O fim suplementar aparece em tôdas as outras situações em que as adivinhas são utilizadas como expediente de ajustamento, tanto nas relações dos adultos com as crianças, quanto nas relações dos adultos entre si. Isso significa que a função social das adivinhas se restringe sensivelmente em um meio urbano, pois elas se tornam uma espécie de "lubrificante" das relações sociais. Desempenham, contudo, o seu papel construtivo como fatores de integração social, pelo menos à medida que contribuem para "azeitar" as relações dos *socii* e para facilitar o seu ajustamento recíproco, como e enquanto *socii*.

Como se vê, a função social das adivinhas em um meio urbano (ou em urbanização), como S. Paulo, coaduna-se com a mentalidade individualista e secularizada que, segundo Tönnies (190), marcaria profundamente os ajustamentos recíprocos dos membros desse tipo de estrutura social. Em conseqüência, as adivinhas, que deixaram de ser queridas ou aceitas "por causa da tradição", "como herança sagrada dos ancestrais", encontraram uma expressão adequada á vida social urbana e um sentido atual nas regras da "sociabilidade convencional". Tenho a impressão de que esta explanação sobre a mudança social das adivinhas explica ao mesmo tempo *porque* as adivinhas foram preservadas em uma forma social urbana (ou em urbanização), apesar de terem perdido o suporte contido nas tradições. É que a técnica recreativa de formulação de adivinhas não só se conformou socialmente às condições da vida urbana, mas ainda satisfaz em seu seio a certas necessidades características das relações humanas na *cidade*. Isso esclarece porque grande parte das adivinhas tradicionais se perpetua em S. Paulo e porque não se estancaram definitivamente, pelo menos até agora, as suas fontes de criação ou de renovação.

Em face dos conhecimentos obtidos, seria conveniente analisar de modo mais minucioso estes dois problemas: o da conservação e o da renovação das adivinhas em S. Paulo. Quanto ao primeiro, é evidente a ligação existente entre a preservação das adivinhas tradicionais e o ritmo heterogêneo da urbanização. De um lado, esta não atingiu do mesmo modo e com a mesma rapidez todos os

(190). — Cf. F. Tönnies, *Communauté et Société*, esp. II Parte, XIX, XXIV e XXV. Por *sociabilidade convencional* Tönnies entende "uma troca de palavras e de serviços na qual cada um parece estar no lugar de todos e em que todos parecem avalliar cada um como seu igual, mas em que, na realidade, cada um pensa em si mesmo e se ocupa, ao contrário, de fazer triunfar sobre os outros seu ponto de vista e suas vantagens" (*op. cit.*, pág. 52).

setores da cultura de *folk*; o folclore infantil e as atividades sociais correlatas, por exemplo, só agora começam a ser afetadas diretamente pela urbanização e seus efeitos. Por isso, o folclore infantil, que se tornou por assim dizer um núcleo de conservação das tradições de origem ibérica, contribuiu para manter um interesse vivo pelas adivinhas, o qual não se confinou ao mundo das crianças. Ele se refletiu nas preocupações dos adultos, reavivando sua curiosidade pelas adivinhas, em particular entre as mulheres que vivem em contacto mais íntimo com seus filhos ou dependentes menores. De outro lado, a mentalidade dos *socii* é algo que se modifica mais lentamente que as condições externas das ações sociais. O "gosto" pelas adivinhas se mantém ainda entre os homens em parte graças a esse fato. Os adultos que revelaram maior prazer na exposição de adivinhas, *verbi gratia*, ou procediam de regiões rurais, ou então eram pessoas que, por causa de sua profissão, entretenham contactos regulares com gente do "interior". É o caso dos caixeiros-viajantes, muito expressivo em virtude de suas implicações: evidencia uma conexão entre a preservação de valores da cultura de *folk* em certos círculos sociais do meio urbano e os efeitos da expansão deste sobre o "campo".

Além desses dois aspectos, que delimitam os contornos culturais e humanos das relações existentes entre a conservação das adivinhas e a demora cultural, precisa ser apontado outro, que diz respeito às conexões da conservação das adivinhas com as próprias condições da urbanização e da secularização da cultura. A desintegração da cultura de *folk* constitui sobretudo um processo seletivo: nem todos os seus elementos são votados à destruição ou são relegados imediatamente. Os elementos que revelam alguma coerência com as condições sociais da vida urbana ou que são "valores", independentemente de qualquer referência estrutural, dentro dos quadros da civilização a que pertencem, podem reintegrar-se à nova configuração socio-cultural. Como foi indicado, as adivinhas caem na primeira categoria. Foi graças a isso e à plasticidade revelada diante das inovações por que passaram (especialmente quanto: ao modo de perguntar e de responder; e à forma de integração às situações sociais de vida), que as adivinhas se perpetuaram em S. Paulo como e enquanto técnica, e não como simples "sobrevivências", mantidas ocasionalmente na memória coletiva através de composições isoladas. Mas, esta circunstância não seria transitória? As adivinhas não estariam condenadas ao desaparecimento, como outras *tradições populares*, em consequência do progresso da urbanização de S. Paulo?

Estas perguntas nos levam a inquirir, naturalmente, como a integração da técnica à cultura urbana se refletiu na renovação do patrimônio de adivinhas. Infelizmente, a pesquisa não foi inicialmente orientada para problemas desta espécie. Por isso, os dados recolhidos não comportam uma análise objetiva da questão.

É possível reconhecer, no entanto, que as transformações ocorridas na forma de integração das adivinhas à vida social e em sua função social (com os efeitos que foram enumerados acima), são demasiado profundas para repercutirem apenas no modo de exteriorização daquelas objetivações culturais. Em outras palavras, é provável que as transformações por que passou a técnica de formulação das adivinhas tenha contribuído para não interromper o fluxo de produção das mesmas, orientando-a embora em outro sentido ou direção.

Dois exemplos ilustram esta hipótese: as adivinhas por mímica e as "charadas". Nas primeiras, como se sabe, os enigmas são propostos por meio de gestos e principalmente por movimentos dos dedos; nas segundas, os enigmas são verbais, mas representam burlescamente os temas de provérbios conhecidos (191). Algumas "charadas" abrangem também os recursos da mímica, embora o enigma não repouse pròpriamente nos gestos (192). Os dois tipos de adivinhas traduzem um novo momento na exteriorização das adivinhas; o da formação de *manias*. As primeiras já não estão praticamente em voga, em S. Paulo, ainda que várias delas sejam lembradas com freqüência; as "charadas" sucederam-nas na preferência do público.

Ora, as adivinhas por mímica e as "charadas" correspondem singularmente ao padrão urbano da adivinha, como "passatempo" individualizado e "jôgo de espírito". Além disso, a transformação das adivinhas em objeto de *manias* patenteia até que ponto elas se entrozaram aos centros de interesse da vida social urbana. Ambos os aspectos traduzem a existência de um fluxo de criação e renovação das adivinhas peculiar à sociedade urbana. Inclusive, se esta tendência prevalecer a produção de adivinhas se fará segundo um estilo que será o inverso do que ocorria nas sociedades de *folk*, em que a inovação era lenta mas a acumulação persistente: cada *mania* dará origem a um número elevado de fórmulas, que du-

(191). — Exemplos de "charadas": a) Um homem trabalhava como conferente de materiais para construções. Estava conferindo um carregamento de vigas de ferro. Depois de conferidas, elas eram transportadas para um depósito por meio do guindaste. Mas uma se desprendeu e caiu em cima dele, machucando-o. Conceito: Quem confere ferro, com ferro será ferido (paródia do provérbio: quem com ferro fere, com ferro será ferido); b) O pato queria subir no poleiro. Mas as galinhas já tinham subido e só havia uns vãos para éle. O pato subiu e foi se encostando, para aproveitar o vão; mas a galinha que estava ali o expulsou. Então o pato foi para outro lado e quis entrar em outro vão. Mas outra galinha o expulsou dali. Conceito: De vão em vão a galinha enche o pato (paródia do provérbio: De grão em grão a galinha enche o papo. É óbvio que o termo "encher" é empregado em seu sentido vulgar, ao contrário do que acontece no provérbio).

(192). — Exemplo de "charada" com mímica: Um japonês queria saber onde ficava a rua Capote Valente. Chegou-se para um senhor e perguntou — *Sinhô diz mim onde fica: está calor, tira, / está frio põe; / sóco dá, sóco dá, / medo não tem?* Com os gestos indica o proponente da "charada" os atos de vestir e de tirar o capote e de dar socos, enquanto que com a expressão facial procura imitar a postura de um valentão.

rarão tanto quanto aquelas. Então, o ciclo de transformação das adivinhas estará completo; elas se identificarão com a estrutura da sociedade urbana do mesmo modo que as "adivinhações" contidas nos desafios dos cantadores nordestinos se identificavam com a estrutura da sociedade de *folk*. A substância delas deixará de brotar das tradições, pois as convenções se tornarão a fonte e o fundamento do seu significado e do seu destino (193).

Os resultados dessa digressão, permitem retomar o nosso problema central (cf. acima, págs. 153-154). Podemos ajuntar agora que as adivinhas recolhidas em S. Paulo não só se distinguem das duas seqüências, que caracterizam a evolução das adivinhas em nossas sociedades de *folk*; elas próprias assumem uma configuração característica, produzida pelas condições e pelos efeitos da urbanização ou pela vigência de comportamentos e valores da vida social urbana. Os traços essenciais dessa configuração (194) podem ser enumerados da seguinte maneira:

1) *quanto à forma de integração à vida social*: a) as adivinhas alcançaram um grau peculiar de individualização e de secularização, libertando-se completamente das regulamentações e determinações atualizadas pela ritualização; b) adquiriram significados suplementares, que dão sentidos atuais à sua exteriorização;

2) *quanto ao modo de exteriorização*: c) as adivinhas consistem em uma explanação verbal rápida e sumária, em que o agente ou ator desempenha, em regra, todos os papéis ativos; d) elas se incorporam a diversas situações sociais de vida, mas não passam freqüentemente, pelo menos entre os adultos, de uma espécie de "passa tempo" momentâneo (195);

3) *quanto à função social*: e) as adivinhas atuam como agências de lubrificação das relações sociais, em particular quando são empregadas deliberadamente pelos sujeitos como *expedientes* de ajustamentos; f) elas fazem parte dos "assuntos neutros" de conversação, insinuando-se assim nas relações das pessoas "que não se conhecem" ou "que se conhecem pouco", mas que, em virtude da posição social ou da profissão, entram em contacto com freqüência. Tais assuntos constituem o início e propiciam a base do

(193). — Tomando-se os termos "tradição" e "convenção" no sentido proposto por Tönnies (op. cit., esp. pág. 50).

(194). — Limitando a caracterização aos traços que se distinguem, positivamente, das configurações que correspondem às duas épocas do folclore brasileiro, apontadas acima.

(195). — Ao contrário do que acontecia nas antigas sociedades de *folk* brasileiras, em que davam margem a uma forma conspícua de utilização do ócio. Sobre a função sociocultural das adivinhas em sociedades de *folk*, cf. especialmente o artigo *riddles*, de Charles Francis Potter, in *Dictionary of Folklore, Mythology and Legend*, vol. II, págs. 938-944; com razão, Potter assevera que "as adivinhas se colocam entre os mitos, as fábulas, os contos populares e os provérbios, como um dos mais primitivos e difundidos tipos de pensamento formulado".

conhecimento recíproco e do "estreitamento de relações" (transformação dos contactos categóricos em contacto simpatéticos);

4) quanto aos atributos culturais objetivos: g) as adivinhas são representadas pelos sujeitos, enquanto valores sociais, como uma modalidade dos "jogos de espírito"; h) a julgar pela composição da presente coleção, as adivinhas arcaicas, isto é, de origem tradicional, prevalecem sobre as demais aproximadamente na proporção de 4:1; i) as adivinhas arcaicas se ossificaram de tal modo, quanto à estrutura formal e à significação, que o processo de formação de variantes expressivas praticamente se interrompeu ou se esgotou.

Isso quer dizer, então, que as adivinhas paulistanas, no estado em que foram focalizadas neste trabalho, representam uma seqüência evolutiva ou uma época característica? Suponho que sim, pois essa configuração, que se distingue tão claramente das duas épocas esboçadas acima, também não se confunde com a que será produzida pelas tendências extremas de transformação da técnica de formulação das adivinhas no meio social urbano. Embora tais tendências somente sejam visíveis no momento em seus contornos mais gerais, a análise sociológica evidencia que elas estão operando no sentido de romper as conexões da técnica de formulação das adivinhas com as *tradições populares*. Portanto, a hipótese levantada possui um fundamento empírico: as adivinhas paulistanas se acham em uma fase de transição. Mas elas se integram entre si e se ajustam às condições de existência social de modo tão coerente, que constituem realmente uma configuração típica.

No seio desta configuração, as adivinhas se separam das duas épocas ou seqüências evolutivas correspondentes à sociedade de *folk* nos aspectos que se ligam diretamente ao contexto social; ou seja, nos aspectos mais dinâmicos e sujeitos a flutuações mais rápidas (forma de integração à vida social, modo de exteriorização no comportamento humano, função social e significado subjetivo comum para os *socii*). São os aspectos nos quais as transformações do contexto social repercutiram, por assim dizer, de maneira imediata. O estoque de adivinhas arcaicas, a vigência delas como e enquanto valores sociais, e o caráter mixto ou heterogêneo do processo de renovação das adivinhas neste período de transição, diferenciam-na de outra configuração que, presumivelmente, será o próprio produto de seu desenvolvimento histórico-social. Em suma, se esta interpretação for verdadeira, o processo de desintegração do folclore brasileiro em uma *cidade* como S. Paulo (considerando-se uma daquelas estruturas do folclore que são selecionadas positivamente e que podem persistir através da urbanização), apresenta duas seqüências evolutivas características, uma, que define o estado de transição propriamente dito; outra, que exprime os resultados finais do processo de reintegração das técnicas e dos valores da cultura de *folk* ao cosmos da cultura urbana. As adi-

vinhas recolhidas e analisadas aqui correspondem à primeira época ou seqüência evolutiva.

Em resumo, o aproveitamento sociológico das evidências estabelecidas através da análise folclórica permitem compreender as adivinhas do duplo ponto de vista da estática e da dinâmica da cultura em suas conexões com a transformação da estrutura social. As adivinhas paulistanas, consideradas *in abstracto*, como objetivações culturais que possuem uma origem, uma estrutura formal e uma significação, revelam um grau apreciável de estabilidade. Nesse sentido, elas se incorporam ao patrimônio luso-brasileiro de *tradições populares* e lembram um mundo social desaparecido, o da sociedade de *folk* em que elas se elaboraram e a que elas subsistiram. Mas, observadas em suas vinculações com a estrutura social, demonstram que a estabilidade é apenas parcial, pois as adivinhas paulistanas satisfazem, em um meio urbano, a necessidades sociais diferentes. Por isso, a sua forma de integração à vida social transformou-se a ponto de corresponder a essas necessidades, e com ela também se modificaram outras determinações, como o modo de exteriorização das adivinhas nas relações sociais, a função delas na estrutura de uma sociedade urbana (ou em urbanização), e o significado subjetivo comum que elas assumiram no espírito dos *socii*. Graças ao jôgo dos processos de estabilidade cultural e de mudança social e à combinação de seus efeitos, as adivinhas paulistanas apresentam uma configuração que foi definida neste trabalho, hipoteticamente, como uma seqüência evolutiva típica. Produto de uma fase de transição, em que se processa tanto a desintegração final da herança rural quanto a reorganização em bases cosmopolitas da estrutura social urbana, essa configuração contém caracteres mixtos. Daí a ligação, que se nota em seu seio, de elementos provenientes do passado, através dos quais as tradições persistem, com elementos atuais, que emergem das convenções do meio social urbano.

FLORESTAN FERNANDES

BIBLIOGRAFIA (196):

1 — FONTES FOLCLÓRICAS:

- Almeida Prado, José Nascimento de.** — Trabalhos Fúnebres na Roça, separata da *Revista do Arquivo Municipal*, N.º CXV, Departamento de Cultura, S. Paulo, 1947.
- Almeida Oliveira, Sebastião.** — Cem Adivinhas Populares, in *Revista do Arquivo Municipal*. Ano VI — Vol. LXVI, S. Paulo, 1940, págs. 59-76.
- Amaral, Amadeu.** — Tradições Populares, com um estudo de Paulo Duarte, Instituto Progresso Editorial S. A., S. Paulo, 1948.
- Araujo, Alceu Maynard.** — Jongo, in *Revista do Arquivo Municipal*, Ano XVI — Vol. CXXVIII, 1949, págs. 45-54.
- Barroso, Gustavo.** — Ao Som da Viola (Folk-lore), Livraria Editora Leite Ribeiro, Rio de Janeiro, 1921.
- Bezerra, Alcides.** — Demopsicologia: "Adivinhas", in L. da Câmara Cascudo, *Antologia do Folclore Brasileiro*, Livr. Martins Editora, S. Paulo, s.d., págs. 459-470.
- Brandão, Théo.** — Folclore de Alagoas, Ofic. Gráf. da Casa Ramalho, Maceió, 1949.
- Câmara Cascudo, Luís da.** — Vaqueiros e Cantadores. Folclore Poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, Ed. da Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1939.
- Carvalho, Rodrigues de.** — Cancioneiro do Norte, 2.ª ed. aumentada, Tip. da Livraria S. Paulo, Paraíba do Norte, 1928.
- Cocchiara, Giuseppe.** — Folklore, Ulrico Hoepli, Milano, 1927.
- Gouveia, Daniel.** — Folclore Brasileiro, Gráfica Editora, Rio de Janeiro, 1926.
- Grataquês, Jean.** — Lampeão Sanguinário, A. J. Monteiro, Editor, Rio de Janeiro, s.d. (literatura de cordel).
- Lifchitz, S. e Paulme, D.** — Devinettes e Proverbes Dogon, in *Revue de Folklore Français et de Folklore Colonial*, Tomo IX, 1938.
- Lopes Cardoso, Carlos.** — Adivinhas (Colhidas em Cete Paredes), in *Douro-Litoral*, Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História, Terceira Série, V, Pôrto, 1949, pág. 31.
- Marín, Francisco Rodrigues.** — Cantos Populares Españoles, Sevilha, 1882.
- Martha, Cardoso e Pinto, Augusto.** — Folclore do Conselho da Foz, Esposende, 1910.
- Melo, Veríssimo de.** — Adivinhas, Biblioteca da Sociedade Brasileira de Folklore, Natal, 1948.
- Moya, Ismael.** — Adivinanzas Criollas, Talleres Gráficos del Consejo Nacional de Educación, Buenos Aires, 1949.
- Nitsche, R. Lehmann.** — Adivinanzas Rioplatenses, De Coni Hermanos, Buenos Aires, 1911.

- Oliveira, Leôncio C. de.** — *Vida Rocceira, Contos Regionais*, S. Paulo, 1919.
- Paulme, D. e Lifchitz, D.** — Cf. acima.
- Pinto, Augusto e Martha, Cardoso.** — Cf. acima.
- Pires de Lima, Augusto César.** — *O Livro das Adivinhas*, Domingos Barreira Editor, Pôrto, 1943; *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*, 3.º volume (*Tradições Populares de Santo Tirso*). Edição da Junta de Província do Douro-Litoral, Pôrto, 1948; 4.º volume, idem, Pôrto, 1949.
- Pittré, Giuseppe.** — *Indovinelli, Dubbi, Scioglilingua, del Popolo Siciliano*, Palermo, 1897.
- Potter, Charles Francis.** — *Artigo riddles*, in *Dictionary of Folklore, Mythology and Legend*, Funk Wagnalls Co., New York, 1950; vol. II, págs. 938-944.
- Prieto, Laureano.** — *As Adivinhas na Terra da Gudiña (Ourense) e no Conselho de Vinhais (Trás os Montes)*, in *Douro-Litoral, Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História, Terceira Série, VI*, Pôrto, 1949, págs. 33-39.
- Ramos, Arthur.** — *O Folk-lore Negro do Brasil. Demopsychologia e Psychanalyse*, Civilização Brasileira, S. A., Rio de Janeiro, 1935.
- Ribeiro, João.** — *O Folclore*, Rio de Janeiro, 1919.
- Ribeiro, Joaquim.** — *Pesquisas Folclóricas. Adivinhas de Origem Negro-Africana*, in *João Ribeiro, O Elemento Negro, História-Folclore-Linguística*, Record, Rio de Janeiro, s.d., págs. 174-185.
- Tavares de Lima, Rossini.** — *Poesias e Adivinhas*, Departamento Estadual de Informações, S. Paulo, 1947.
- Teixeira, José A.** — *Folklore Goiano. Cancioneiro - Lendas - Superstições*, Companhia Editora Nacional. S. Paulo, 1941.
- Teófilo Braga, Joaquim Fernandes.** — *Cancioneiro e Romanceiro Popular Português*, Lisboa, 1911.

2 — FONTES ETNOLÓGICAS E SOCIOLÓGICAS:

- Boas, Franz (ed.).** — *General Anthropology*, D. C. Heath and Company, New York, 1938.
- Lowie, Robert R.** — *An Introduction to Cultural Anthropology*, ed. revista e ampliada, Farrar & Rinehart, Inc. Publishers, New York, 1944.
- Métraux, Alfred.** — *Artigo Riddles* (parte relativa aos índios da América do Sul), in *Dictionary of Folklore, Mythology and Legend*, vol. II; Funk & Wagnalls Co., New York, 1950.
- Redfield, Robert.** — *Yucatan, Una Cultura de Transición*, trad. Julio de la Fuente, Fondo de Cultura Económica, México, 1944.
- Taylor, Archer.** — *American Indian Riddles*, in *Journal of American Folklore*, vol. 57, págs. 1-15.
- Fönnies, Ferdinand.** — *Communauté et Société. Catégories Fondamentales de la Sociologie Pure*, intr. e trad. de J. Leif, Presses Universitaires de France, Paris, 1944.